

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

OZIEL IRONGUKRE CANELA

**AMJI KIN CUKRÊJ JAKRÀJTI KÔT, ME PANCACA XÀ IMPEJTI PÊ  
MEMÕRTUMRE-KANELA JÕ AMJI KIN KÔT HAREN XÁ/  
OS VALORES CULTURAIS MEMÕRTUMRE-KANELA POR MEIO DE  
OBJETOS SAGRADOS E ENFEITES RITUAIS**

GOIÂNIA

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação       Tese       Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

OZIEL IRONGUKRE CANELA

#### 3. Título do trabalho

Amji kin cukrêj jakràjti kôt, me pancaca xà impejti pê Memôrtumre-Kanela jô amji kin kôt haren xá/ Os valores culturais Memôrtumre-Kanela por meio de objetos sagrados e enfeites rituais

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM       NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

**a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

**b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Camila Azevedo De Moraes Wichers, Professora do Magistério Superior**, em 01/09/2022, às 15:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Oziel Irongukre Canela, Discente**, em 26/03/2024, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3159222** e o código CRC **B59064A1**.

---

OZIEL IRONGUKRE CANELA

*Amji kin cukrêj jakràjti kôt, me pancaca xà impejti pê Memörtumre-Kanela jô amji kin kôt haren xá/ Os valores culturais Memörtumre-Kanela por meio de objetos sagrados e enfeites rituais*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Área de Concentração: Antropologia Social.

Linha de Pesquisa: Etnografia dos patrimônios, memórias, paisagens e cultura material.

Orientadora: Professora Doutora Camila Azevedo de Moraes Wichers

GOIÂNIA

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Canela, Oziel Irongukre

Amji kin cukrêj jakràjti kôt, me pancaca xà impejti pê Memõrtumre Kanela jô amji kin kôt haren xá/ Os valores culturais Memõrtumre Kanela por meio de objetos sagrados e enfeites rituais [manuscrito] / Oziel Irongukre Canela. - 2021.

92 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Goiânia, 2021.

Bibliografia.

Inclui siglas, abreviaturas, lista de figuras.

1. Memõrtumre-Kanela. 2. festas. 3. objetos rituais. I. Wichers, Camila Azevedo de Moraes, orient. II. Título.

CDU 572



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 014/21-M da sessão de Defesa de Dissertação de **OZIEL IRONGUKRE CANELA**, que lhe confere o título de **Mestre em Antropologia Social**, na área de concentração **Antropologia Social**.

Aos dezesseis dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e um, a partir das 18 horas, em webconferência devido à pandemia de covid-19, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação de **OZIEL IRONGUKRE CANELA**, intitulada *Amji kin cukrêj jakràjti kôt, me pancaca xà impejti pê Memörtumre-Kanela jõ amji kin kôt haren xá/ Os valores culturais Memörtumre-Kanela por meio de objetos sagrados e enfeites rituais*. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Camila Azevedo de Moraes Wichers, presidente da sessão, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Joana Aparecida Fernandes Silva (PPGAS/UFG - membro titular), Professor Doutor Odair Giralдин (UFT - membro titular) e Professora Doutora Camila Mainardi (PPGAS/UFG - membro suplente). Ao final da exposição do candidato e das arguições, a Banca Examinadora reuniu-se em sessão reservada a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Camila Azevedo de Moraes Wichers, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

## TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Camila Azevedo De Moraes Wichers, Professora do Magistério Superior**, em 16/11/2021, às 21:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joana Aparecida Fernandes Silva, Usuário Externo**, em 18/11/2021, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Eduardo Henning, Coordenador de Pós-graduação**, em 20/11/2021, às 12:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2474744** e o código CRC **FE06863B**.

Ao meu povo Memõrtumre-Kanela

## **AGRADECIMENTOS.**

Em primeira mão, agradeço a Deus (*Pahpãm*) por tudo que me fez durante a trajetória de vida acadêmica. Deus sempre me acompanhou quando pensava que eu estava sozinho no lugar. Deus, com sua proteção e luz, iluminou todo caminho quando estava com dificuldade e com algo que não parecia fácil ao meu alcance, mas como ele é todo poderoso, me fez chegar à conclusão do trabalho.

Em segundo lugar, agradeço toda minha família de maneira geral e especial o meu querido pai Raimundinho Croto Canela e Maria de Lourdes Cõrõkwyj Canela que me incentivaram a cada momento para não desistir, dando apoio total na minha carreira acadêmica. Agradeço todos meus irmãos Iran Pytxár Canela, Samira Jarkwaprãm Canela, Reinalda Ijure Canela, Otavio Pàrtoj Canela, Eliana Ikrekwyj Canela, Diana Kryhkwyj Canela, Elziana Cukij Canela e Dermivaldo Cropej Canela que me apoiaram, me ajudaram e me deram força e coragem de continuar estudando para conseguir realizar este sonho de me tornar indígena Canela mestre e antropólogo. Essas pessoas confiaram na minha pessoa como estudante de mestrado e acreditaram que tudo isso é o começo de muitas lutas, das minhas futuras realizações e conquistas para meu povo.

Deixando aqui meu agradecimento aos meus amigos e aqueles que participaram das pesquisas, pela colaboração das ideias e explicações dos assuntos, sempre me apoiaram em momentos bons e momentos ruins, agradeço todos eles pela compreensão e pelo afastamento temporário durante algumas festas realizadas na aldeia. Agradeço a parte das brincadeiras e carinhos que fizeram comigo durante toda caminhada feita até hoje. Muita felicidade de vida que eles me deu quando precisei na hora certa.

Agradeço no fundo do coração a minha professora e orientadora Dra. Camila A. de Moraes Wichers, que conseguiu me guiar ao decorrer desse percurso com grande vontade de me orientar e ensinar, acompanhando e dando todo apoio necessário para elaboração do trabalho da dissertação. Ela se demonstrou uma grande profissional e acima de tudo uma grande professora guerreira, corajosa e vencedora que conheci.

Agradeço a todas as pessoas que trabalharam comigo, principalmente, os entrevistados como o Senhor João Luciano Canela, sogro por parte da família da minha esposa; Edeomilio Ponri Canela cunhado e pajé marido da minha irmã; meu irmão Otavio Pàrtoj Canela, atual vice cacique da aldeia, que tanto me ajudou na pesquisa da dissertação de mestrado; Francisquinho Tephot uma grande pessoa que abriu mão do seu

tempo para me atender com todo carinho e respeito quando precisei; meu cunhado José Carlos Xor Canela, grande pessoa que sempre me emprestou seu laptop para fazer este trabalho. Agradeço a Katiana Pamkwyj Canela pelo acompanhamento que ela fez da pesquisa e pelo trabalho de fotografia. Agradeço meu outro cunhado que não está mais entre nós, Raimundo Nonato Koire Canela, por também me emprestar seu *notebook* para fazer alguma atividade quando estava pagando as disciplinas em Goiânia (GO), no primeiro semestre de 2019. Raimundo Nonato foi uma grande pessoa, era casado com minha irmã Diana e era um grande sábio, além de professor e estudante que acaba de se formar na Intercultural da UFG. Infelizmente, ele faleceu logo após da colação de grau em Goiânia.

Agradeço a todas as pessoas que participaram da defesa de graduação que foi realizada na aldeia em 2018, quando me comprometi a fazer mestrado. Agradeço a confiança de todos que ouviram e acreditaram na minha fala, tudo deu certo. Agradeço a minha querida aldeia Escalvado pelo acolhimento durante a pesquisa, agradecer meu querido *põõ* (cerrado) por onde andei pesquisando as coisas para realizar este trabalho.

Abrindo aqui todo meu coração para agradecer minha família de casa. Minha querida sogra Elza Roiarene Canela pelo cuidado que teve com a família, meus filhos Ozayko Krãhtýj Canela, Kauiro Xyký Canela, Lorryna Kajari Canela e Isadora Pykrã Canela, que me empurrou até aqui para continuar na luta. Minha querida esposa Ires Pregapa Canela, uma grande pessoa, uma grande companheira que nunca permitiu que eu desistisse da luta, e sim, continuar lutando. Ela sempre me falava com sua palavra que eu sou marido que tem competência, que merece ser feliz na vida. Sempre deixando aqui meu agradecimento para você que está lendo este trabalho que foi feito com muito esforço e carinho.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.”

**AMJI KIN CUKRÊJ JAKRÀJTI KÔT, ME PANCACA XÀ IMPEJTI PÊ  
MEMÕRTUMRE-KANELA JÕ AMJI KIN KÔT HAREN XÁ/ OS VALORES  
CULTURAIIS MEMÕRTUMRE-KANELA POR MEIO DE OBJETOS  
SAGRADOS E ENFEITES RITUAIS**

**RESUMO (LÍNGUA CANELA).**

Por me hahĩ xà jakràjti pê amji kĩn tekjê atajê wa hahkre pej prãm, itari me ipê Memõrtumre-Kanela kam. Wa harẽn to cati ne to ihpahtyj prãmte por ite amji kĩn kam ame ton xà atajê cunea na, mãr quê me intuwjê hahkre pej. Cwỳrjapê wa ite me pajahĩ xà itajê kwỳ capi ne ahna ihhòc, ihkòt harẽn xà cunea na, ne to hahkre xà caxuw. Wa hõtpê ite ijàhcukjêr xà atajê cunea ton, ne hanea ne ijàhkòpĩr xà atajê cunea ton amji kĩn cunea kam, ne hanea ne ite por museus kam ampỹa mã amji kĩn tehkrêj hikwa atajê jahkre pej, ihnõ na cupẽ te apu ton xà ataje na. Ne pom me hahĩ xà itajê pê memõrtumre mã hakràjti jõr catê. Ne amji kĩn cunea kam me ikòt harẽn xà atajê cunea to ajpẽ, por me ijĩa na, me ijakràj na me imõr rohnýtiti mã ata na.

**Palavras-chave:** Memõrtumre-Kanela; amji kin; amji kin cukrêj.

**AMJI KIN CUKRÊJ JAKRÀJTI KÔT, ME PANCACA XÀ IMPEJTI PÊ  
MEMÕRTUMRE-KANELA JÕ AMJI KIN KÔT HAREN XÁ/ OS VALORES  
CULTURAI MEMÕRTUMRE-KANELA POR MEIO DE OBJETOS  
SAGRADOS E ENFEITES RITUAIS**

**RESUMO.**

Esse estudo apresenta os *amji kin cukrêj* do meu povo *Memõrtumre-Kanela* que foram ou são utilizados nos rituais, buscando valorizar e fortalecer a cultura do meu povo e estimular o contato dos mais jovens com esse conhecimento. Para isso, escolhi alguns objetos rituais para a pesquisa e documentei suas histórias por meio de entrevistas e observação. Também busquei informações sobre objetos Canela em museus, pensando na importância desses objetos no mundo dos *cupê* (não indígenas). Essas peças são patrimônio cultural do meu povo. Dentro da cultura elas representam as nossas histórias, a identidade, o direito e o valor de sermos indígenas.

**Palavras-chave:** *Memõrtumre-Kanela*; festas; objetos rituais.

**AMJI KIN CUKRÊJ JAKRÀJTI KÔT, ME PANCACA XÀ IMPEJTI PÊ  
MEMÕRTUMRE-KANELA JÕ AMJI KIN KÔT HAREN XÁ/  
MEMÕRTUMRE-KANELA CULTURAL VALUES THROUGH SACRED  
OBJECTS AND RITUAL ORNAMENTS**

**ABSTRACT.**

This study presents the *amji kin cukrêj* of my Memõrtumre-Kanela people that were used in the past or are still used today in rituals, seeking to value and strengthen the culture of my people and to stimulate the contact of the youngest people with this knowledge. For this, I chose some ritual objects for research and documented their stories through interviews and participant observation. I also searched for information about Canela ritual objects in museums, thinking about the importance of Canela pieces in the world of non-indigenous people. These pieces are the cultural heritage of my people. Within our culture, sacred objects represent our stories, identity, the right and the value of being indigenous people.

**Keywords:** *Memõrtumre-Kanela*; celebrations; rituals objects.

**AMJI KIN CUKRÊJ JAKRÀJTI KÔT, ME PANCACA XÀ IMPEJTI PÊ  
MEMÕRTUMRE-KANELA JÕ AMJI KIN KÔT HAREN XÁ/ VALORES  
CULTURALES MEMÕRTUMRE-KANELA A TRAVÉS DE OBJETOS  
SAGRADOS Y ORNAMENTOS RITUALES**

**RESUMEN.**

Este trabajo presenta los *amji kin cukrêj* de mi pueblo *Memõrtumre-Kanela* que fueron o son utilizados en los rituales, buscando valorar y fortalecer la cultura de mi pueblo y fomentar el contacto de los más jóvenes con este conocimiento. Para ello, elegí algunos objetos rituales para la investigación y documenté las historias, con entrevistas y observación. También busqué información sobre los objetos rituales de mi pueblo Canela en los museos, pensando en la importancia de las piezas Canela en el mundo *cupẽ* (no indígena). Estos objetos son patrimonio cultural de mi pueblo. Dentro de la cultura representan nuestras historias, identidad, derechos y valor de ser indígenas.

**Palabras clave:** Memõrtumre-Kanela; festivales; objetos rituales.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.**

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

FCS/UFG - Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás.

FUNAI - Fundação Nacional do Índio.

IFMA - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão.

MA – Maranhão.

PPGAS/UFG - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás.

UFG - Universidade Federal de Goiás.

UFMA - Universidade Federal do Maranhão.

## LISTA DE FIGURAS.

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 1.</b> Joao Luciano Pártahpo Canela tem 69 anos de idade, é pai de família e vizinho, grande pajé e grande tocador de <i>hõhhi</i> (buzina), que atualmente mora na Aldeia Escalvado. Um dia, ele perdeu seu grande irmão Xêpkâhcuxôn (morcego sem couro) na cidade, que desapareceu deixando uma filha e grande tristeza. ....                 | 22 |
| <b>Figura 2.</b> Elza Hojaren Canela tem 60 anos de idade, é minha sogra, mãe da minha querida esposa Ires Pregapa Canela, grande artesã. ....  | 22 |
| <b>Figura 3.</b> Edeomilio Pân Hi Canela tem 40 anos de idade. É meu cunhado. É estudante e pai de família, filho de grande escritor indígena que não está entre nós, Luis Carlos Jako Canela. Edeomilio Canela desde a infância se tornou um grande pajé que fala com os espíritos dos mortos, que através de sua pajelança ajuda na saúde do povo. .... | 23 |
| <b>Figura 4.</b> Justino Catïc Canela, meu cunhado e ex-cacique da aldeia. Ele também é um cantor importante. ....  | 23 |
| <b>Figura 5.</b> Mapa com a localização das terras indígenas Canela no Maranhão. ....   | 25 |
| <b>Figura 6.</b> Mapa com a localização da Aldeia Escalvado na TI Memõrtumre-Kanela. ....   | 26 |
| <b>Figura 7.</b> Foto aérea da Aldeia Escalvado na TI Memõrtumre-Kanela. ....   | 26 |
| <b>Figura 8.</b> Eu com minha esposa Ires Pregapa Canela e meus filhos Ozayko Krãhtýj Canela, Kauiro Xyký Canela e Lorryna Kajari Canela indo para Goiânia em 2020. ....  | 32 |
| <b>Figura 9.</b> Eu, pela última vez na cerimônia, sendo pintado pela minha amiga formal e meu filho Ozayko Krãhtýj Canela, ao fundo, minha mãe, minha irmã mais velhas e minha prima. ....   | 33 |
| <b>Figura 10.</b> Os amigos formais dos <i>pepcahàc</i> seguram a vara nesse momento. ....  | 34 |
| <b>Figura 11.</b> <i>Kij</i> (muquém) ....  | 35 |
| <b>Figura 12.</b> Carne para a produção de <i>kwyrçupu</i> . ....   | 36 |
| <b>Figura 13.</b> Massa de mandioca na tigela e carne para fazer o <i>kwyrçupu</i> . ....   | 36 |
| <b>Figura 14.</b> Produção do <i>kwyrçupu</i> sem carne. ....   | 37 |
| <b>Figura 15.</b> Produção do <i>kwyrçupu</i> com carne. ....   | 37 |
| <b>Figura 16.</b> Momento de canto noturno de <i>pepcahàc</i> no pátio. ....  | 38 |
| <b>Figura 17.</b> <i>Pepcahàc cujxwy</i> - moças no cerimonial de <i>pepcahàc</i> . ....  | 39 |
| <b>Figura 18.</b> Maria de Lourdes Cõrõkwýj Canela, minha mãe, com 11 anos de idade e Maria Cacheada Põhyhkwýj Canela, minha avó com 59 anos de idade. ....   | 40 |
| <b>Figura 19.</b> Cuhtõj (maracá) pertence a Justino Canela, feito por ele. ....  | 44 |
| <b>Figura 20.</b> Cantoria no pátio ( <i>increr cati</i> ). ....  | 45 |
| <b>Figura 21.</b> Rodrigo Cuhtyj Canela com vassoura. ....  | 47 |
| <b>Figura 22.</b> Comidas arrecadadas na varrida de <i>ikrere</i> . ....  | 49 |
| <b>Figura 23.</b> Ihcapon xà (vassoura). ....   | 50 |
| <b>Figura 24.</b> Vassoura da cidade. ....  | 50 |
| <b>Figura 25.</b> Jovens Canela com vassoura para varrida cerimonial na festa de <i>ikrere</i> . ....   | 51 |
| <b>Figura 26.</b> Evair xáp Canela com comida e vassoura na festa de <i>ikrere</i> . ....   | 51 |
| <b>Figura 27.</b> Acà (cinto). ....   | 52 |
| <b>Figura 28.</b> Xy (cinto). ....  | 52 |
| <b>Figura 29.</b> Presentes cerimoniais oferecidos pela rainha. ....  | 53 |
| <b>Figura 30.</b> Kivia Kàrjapà Canela enfeitada de miçangas, com peças feitas por sua família. ....  | 55 |
| <b>Figura 31.</b> Lauana xen e sua irmã Leticia krãjno enfeitadas de hõrti (imbira). Observe que é a mesma forma de uso da imagem anterior, mas no outro exemplo, feito de miçanga. ....  | 56 |
| <b>Figura 32.</b> Usos de miçangas pelos homens e mulheres. ....  | 58 |

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 33.</b> Mocinhas enfeitadas de miçangas.....  | 59 |
| <b>Figura 34.</b> Raimundinho Ihho Canela, cortando talo de buriti para fabricação da cestaria.<br>.....  | 60 |
| <b>Figura 35.</b> Kaj (cesto).....  | 61 |
| <b>Figura 36.</b> Arýjhy pre (arroz) separado para colocar na cestaria kaj na festa de ikrere.  | 63 |
| <b>Figura 37.</b> Preparação de kwyr cupu (beribu). .....   | 63 |
| <b>Figura 38.</b> Preparo da kaj para ser dada como presente. ....  | 64 |
| <b>Figura 39.</b> Kaj mã pô. ....   | 65 |
| <b>Figura 40.</b> Pánjapy dos reclusos. ....  | 70 |
| <b>Figura 41.</b> Pánjapy sendo levado para desmontar. ....   | 70 |
| <b>Figura 42.</b> Gersimar Canela com Hácjarati (in memorian). ....   | 71 |
| <b>Figura 43.</b> Renato Canela com kruwaxwa de caxát (crochê). ....  | 71 |
| <b>Figura 44.</b> Um dos ancestrais enfeitados com Hácjarati e Kruwaxwa. ....   | 73 |
| <b>Figura 45.</b> Jovens reclusos com cohpi (esteira) festa de ikrere. ....   | 75 |
| <b>Figura 46.</b> Jovens reclusos no momento de hahkrër na festa de ikrere. ....  | 76 |
| <b>Figura 47.</b> Os dois mamkjehti Robson Canela e Josenaldo Canela sendo levados com os pánjapy até o pátio. ....                                       | 77 |
| <b>Figura 48.</b> Hugo Powej Canela com kruwaxwa. ....  | 78 |
| <b>Figura 49.</b> Objetos registrados por Wilhelm Kissenberth (1911). Observamos a presença do <i>cuhtõj</i> e da <i>kaj</i> , entre outros objetos. .... | 79 |
| <b>Figura 50.</b> Instituições museológicas com coleções Canela.....  | 80 |
| <b>Figura 51.</b> <i>Cuhtõj</i> no Museu do Índio (Nº do Item 87.30.184). ....  | 81 |
| <b>Figura 52.</b> <i>Cuhtõj</i> no Museu do Índio, produzido na década de 1950 (Nº do Item 1411).<br>.....  | 82 |
| <b>Figura 53.</b> <i>Cuhtõj</i> quebrado no Museu do Índio, também produzido na década de 1950 (Nº do Item 3297). ....                                    | 83 |
| <b>Figura 54.</b> <i>Cuhtõj</i> de cabaça no Museu do Índio, também produzido na década de 1950 (Nº do Item 3304). ....                                   | 84 |
| <b>Figura 55.</b> Kaj no Museu do Índio, produzido na década de 1950 (Nº do Item 3633). ....  | 85 |
| <b>Figura 56.</b> <i>Cuhtõj</i> no <i>Smithsonian Institution</i> (Nº de Catálogo E421651-0).....   | 86 |
| <b>Figura 57.</b> Cuhkonre (cabacinha). ....  | 87 |
| <b>Figura 58.</b> Cõhkrit hô no <i>Smithsonian Institution</i> (Nº de Catálogo E404909-0). ....   | 88 |

## SUMÁRIO.

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO.....   | 14 |
| Justificativa.....  | 17 |
| Objetivos.....  | 20 |
| Metodologia.....  | 21 |
| CAPÍTULO 1. MEU POVO, MINHA HISTÓRIA E VIDA ACADÊMICA.....                        | 25 |
| Autobiografia e vida acadêmica .....  | 27 |
| Momentos Bons.....  | 28 |
| Momentos ruins .....  | 29 |
| Vida na cidade durante curso de graduação e mestrado.....                         | 30 |
| Minha participação em função cerimonial no <i>Pepcahàc</i> (Festa de Gavião)..... | 32 |
| História de uma mulher guerreira.....   | 39 |
| CAPÍTULO 2. OBJETOS MEMÓRTUMRE-KANELA. ....                                       | 42 |
| Cuhtõj (Maracá).....  | 42 |
| <i>Ihcapon xà</i> (Vassoura).....   | 46 |
| <i>Kenre</i> (Miçanga).....   | 51 |
| Kaj (Cesto).....  | 59 |
| <i>Hácjarati me Kruwaxwa</i> (cocar cerimonial e borduna) .....                   | 66 |
| CAPÍTULO 3. OBJETOS CANELA NO MUNDO DOS <i>CUPÊ</i> .....                         | 79 |
| <i>Cuhtõj Cupê Jõ Pjê Kam</i> ( <i>cuhtõj</i> no mundo dos brancos) .....         | 81 |
| Kaj no mundo dos <i>cupê</i> .....  | 84 |
| Volta virtual no <i>Smithsonian Institution</i> .....                             | 85 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS. ....  | 89 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. ....  | 91 |

## INTRODUÇÃO.

Nesse trabalho estudo os objetos do meu povo que foram ou são utilizados nos rituais, buscando documentar suas histórias e fortalecer as relações da cultura com os objetos Canela, ou seja, *Memörtumre-Kanela*<sup>1</sup>.

O povo Canela tem um papel muito importante na preservação e na valorização de sua cultura própria. Pensando nisso, pesquiso a importância dos objetos nos rituais e as peças Canela no mundo dos *cupẽ* (não indígenas). Esses objetos são patrimônio cultural do meu povo. Dentro da cultura eles representam a nossa história, identidade, direito e valor de sermos indígenas, do povo ao qual pertencemos. Os objetos possuem funções específicas nos rituais como presentes, ou seja, objetos de honra em grandes rituais de festas tradicionais (*amji kin*). Alguns fazem parte das brincadeiras, como bonecas feitas com alguma parte do buriti nos rituais *mehkên* que estiverem no tempo de festa do peixe (*tep jarkwa*), e a peteca feita com folha de milho novo (*põhyhprý*). As peças podem ser utilizadas como armas nas caçadas coletivas, como enfeites corporais e utensílios. Esses objetos são utilizados das formas mais variadas no dia a dia na aldeia. Quando essas peças saem da aldeia e vão para cidade, os não indígenas as utilizam como um artesanato qualquer, como se fosse nada de valor por dentro. Os brancos não sabem e nem conhecem esses objetos que também sentem dor, como pensam os Canela mais velhos da aldeia.

Os objetos servem também para o comércio interno na aldeia. Quando tem um ritual (*amji kin*) na aldeia e as pessoas que vão participar não tem determinado objeto, elas compram ou trocam com a pessoa que tem as peças prontas. Algumas pessoas são especialistas em fazer objetos, meu sogro Antonio Sinsim faz escultura de madeira, arcos, flechas e borduna. A minha sogra Elza Roiaren Canela trabalha muito com trançados, com material dos pés de buriti, como cestaria, esteira, tapiti, pacará, cintos e outras peças. Para fazer os objetos é necessário ter conhecimento sobre a natureza, pois para ter a matéria prima é preciso que árvores como buriti, jenipapo, urucum, anajá e tucum rasteira, dentre outras, sejam conservadas. Além de madeira elas dão sementes, palhas, tintas e frutas. Então, a natureza oferece tudo isso para usarmos de forma valorizada e com respeito pelo povo em grandes rituais (*amji kin*).

---

<sup>1</sup> Utilizarei essa forma para falar do meu povo, sendo o modo como nos denominamos na atualidade. Contudo, também utilizarei a forma “Canela” ao longo do estudo, mais genérica. Canela é o nome pelo qual ficaram conhecidos os grupos Ramkokamekrá e Apanyekrá, sendo que os Memörtumre-Kanela dizem respeito aos primeiros. A forma “Canela”, e não “Kanela”, é utilizada como sobrenome pelo meu povo.

Após toda minha trajetória de passagens culturais, sempre tive interesse de não abandonar ou esquecer tudo que tinha visto dentro de casa, quando estava no tempo de reclusão. E durante todo esse período de passagem, conheci todos os objetos que foram utilizados em mim, as riquezas naturais e tradicionais importantes que foram usadas pelos jovens nesse período, as pinturas corporais, os enfeites corporais que enfeitaram os momentos bonitos de rituais, que se movimentaram, que dançaram, que correram junto comigo e com todos meus amigos onde ficamos uns bons tempos para nos tornarem e fazer papel de homem.

Faço um diálogo com estudos sobre o meu povo realizados por pesquisadores não indígenas, como o efetuado por Curt Nimuendajú (2001), batizado no povo Canela de *Côhgajpo*, que a minha avó Maria Cacheada Põhykwýj Canela conheceu. Outros pesquisadores trabalharam com o meu povo, como Willian Crocker, que morou um bom tempo na aldeia com os Canela, realizando diferentes etapas de campo entre os anos de 1957 e 2003 (Crocker & Crocker, 2009), Adalberto Rizzo (2006) que trabalhou com messianismo Canela, Nilvânia Barros (2018) que trabalhou com os objetos e Josinelma Rolande (2017).

Desde quando comecei a pensar no meu estudo sobre o material do povo, também penso sobre se é importante ou não a existência de pesquisas antropológicas na aldeia Canela. Muito importante esse saber dos antropólogos, que fizeram suas buscas de conhecimentos na aldeia. Esses estudos permitem que algumas comparações dos usos dos objetos Canela ao longo do tempo sejam realizadas, por exemplo, existem estudos desde a década de 1910 (Kissenberth, 1911). Curt Nimuendajú entrevistou minha avó. É interessante saber que existiram mudanças nos usos de materiais de rituais *amji kin* (festas cerimoniais). Concordo com pensamento da minha avó, quando falava que em um tempo, no lugar das fibras de tucum seria a linha de algodão ou missanga. Com minhas comparações feitas através dos olhares que existem hoje na aldeia, tudo está sendo mudado como minha avó falava. Pensando nas mudanças na aldeia, fui procurar pessoas que são observadoras, que sabem todos os detalhes das festas, os momentos certos, o local e o tempo corretos de fazer festa. Segundo eles, nada mudou de ritmo, sempre o mesmo, que cada vez mais se repete, com enfeites corporais e pinturas corporais.

Dessa forma, coloquei como questão nessa pesquisa: as mudanças que ocorrem nos rituais, como a inclusão de produtos não indígenas, fazem o ritual perder força e valor?

Meu interesse em pesquisar o meu povo começou desde quando que sai da aldeia para estudar na Barra do Corda (MA), uma cidade próxima da aldeia Escalvado, a cerca de cento e poucos quilômetros. Morei oito anos nessa cidade, uns bons tempos fora da aldeia em busca de conhecimento melhor para ajudar meu povo na cultura, no ritual, no trabalho, na história e na preservação das nossas riquezas naturais. Ao longo da minha história na cidade e em alguns momentos da caminhada tive experiências, tive grande oportunidade de estagiar na FUNAI de minha cidade. Fiquei durante três anos no escritório de promoção social e as vezes na recepção. A ideia é aprender e sempre ajudar meu povo quando for possível e em situação difícil.

Quando voltei para aldeia já estava com outra visão diferente. Gosto muito de participar da cultura, das danças, da cantoria e principalmente da comida tradicional. E na minha volta para aldeia, conheci o professor antropólogo William Fisher, quando estava pesquisando o povo Canela na aldeia. Com ele pesquisei os jovens Canela, muitos jovens, tanto homens quanto mulheres, foram entrevistados por mim sobre o que achavam da cultura do povo se houve algumas mudanças no ritual. Então, ali foi meu primeiro passo de pesquisa sobre o povo. Possivelmente, essas entrevistas e as anotações que fiz ainda estão com William Fisher, por isso, vou perguntar a ele se é possível ter acesso a elas.

Eu sou originário do povo Canela, falo e escrevo na minha língua materna. Participo do cotidiano da aldeia e dos rituais. Fui professor na escola da aldeia, de arte e cultura indígena, desde 2012. Tenho graduação em Educação Intercultural Indígena na Universidade Federal de Goiás. Nesse curso aprendi a importância dos rituais e dos conhecimentos indígenas para manutenção do direito de ser indígena como sempre. A importância dessa pesquisa é para que eu, como professor, possa compartilhar esse meu conhecimento com a aldeia e com a universidade. Para que isso possa acontecer de forma bem arquivada, para usarmos lá no futuro com nossos filhos e netos que ainda virão.

Minha primeira experiência como escritor de texto acadêmico foi com a publicação do artigo “Diagnóstico sociolinguístico das aldeias do povo Canela”, junto aos professores Arthur Bispo e André Marques Nascimento (BISPO; NASCIMENTO; CANELA, 2017) na Universidade Federal de Goiás quando estava fazendo graduação, e como articulador bolsista do comitê Canela no Programa do Governo Federal PIBID DIVERSIDADE, que me ajudou muito a fazer o trabalho necessário para a universidade.

## Justificativa

Essa pesquisa de mestrado é uma continuação do estudo que realizei para o projeto extraescolar apresentado como requisito para conclusão da graduação em Educação Intercultural Indígena.

A ideia de continuar fazendo ou buscando mais o papel dos objetos, peças e outros que são usados de formas diferentes nos grandes *amji kin* do povo Canela, surgiu quando parei para pensar logo após que terminei as últimas disciplinas e etapa de graduação em Educação Intercultural na UFG. Uma coisa que achei interessante lembrar foi o dia que me apresentei no pátio da aldeia (*cà*), falando de mim e das coisas que aprendi no mundo dos brancos (*cupê*), em Educação Intercultural. As lideranças de dois grupos A e B sendo grupo de cima e de baixo (os *prohkam*) incluindo crianças, jovens, homens e mulheres ouviram minhas falas sobre o tema estudado no projeto. E nesse momento, senti dificuldades quando o assunto foi o papel dos objetos e suas funções específicas nas cerimônias de *amji kin*. Percebi isso nos últimos dois *amji kin ketuwaje e ikrere* que se realizaram e formaram os jovens a se tornarem adultos, ou seja, concluíram sua passagem. E o grupo formado é *harãhcateje* (grupo de baixo). Isso quer dizer, que esse grupo (*hokrã*) concluiu seus ritos de passagem e se tornou um grupo fixo registrado tradicionalmente como *harãhcateje*. Após tudo isso, eles irão usar esse nome (*harãhcateje pan tuwa*), novo grupo de baixo. O grupo permanece para sempre com esse nome, até que chega o tempo de se tornarem também lideranças (*prohkam*).

Aproveitando o olhar nos momentos de *amji kin* que passei nos últimos cinco anos, senti as diferenças de alguns momentos importantes, como por exemplo no momento final (*hicuxà*). Os objetos rituais que são usados, que são considerados peças importantes daquele *amji kin*, se encontram totalmente diferentes em relação à fabricação. Mas isso não quer dizer que as funções e a importância que representam mudou, sua forma de usar, de receber, de entregar, tudo continua da forma como sempre. As mudanças e as diferenças que vemos e sentimos são aqueles objetos que consideramos como patrimônio cultural, que tem sua identificação e resistência de ser o material daquele ritual e principalmente ao povo no qual pertence.

Os objetos que são muito importantes na aldeia, como aqueles que geralmente são usados em grandes rituais da aldeia, são materiais de presentes. Quando tem esses *amji kin* na aldeia e todas as pessoas participam, elas são bem-preparadas tanto para movimentar como para pintar.

A escolha do tema de pesquisa foi feita de acordo com apoio de minha comunidade *Memõrtumre-Kanela* que se encontra no centro sul do estado do Maranhão, na aldeia Escalvado, no município de Fernando Falcão.

A importância de pesquisar os artefatos presentes nos rituais e no cotidiano na cultura Canela é para manter a cultura viva e rica, a organização social da aldeia, a existência de especialistas indígenas Canela nas artes, modos de fazer e saberes.

Como já aponte, existem várias pesquisas antropológicas sobre o povo Canela. Um dos antropólogos que foi para aldeia entre os anos de 1929-1936 foi Curt Nimuendajú, *Côhcajpo*. Eu ouvi falar dele a partir da minha avó, ela falava que ele morou alguns anos na aldeia para poder estudar os Canela. Ela dizia que o *Côhcajpo* levou algumas coisas quando esteve a primeira vez na aldeia, coisas que minha avó nunca tinha visto na sua vida como, por exemplo, espelho, livros de outros povos indígenas por onde passou, câmera de fotografia, caneta tinteira e outros. O *Côhcajpo* falava para meus tios, nessa época, que também existem vários povos indígenas de diferentes línguas e culturas no Brasil. Minha avó e outros parentes Canela não sabiam que existiam os outros povos. E através dele meus tios acabaram sabendo a existência dos nossos parentes.

O *Côhcajpo* (Nimuendajú, 2001) escreveu sobre a importância do formato da aldeia para a organização dos rituais e do dia a dia do povo Canela. Falou como se fazia aldeia na época que ele morou lá, disse que a aldeia era construída em um lugar mais alto, perto de dois rios, em um lugar sem pedra e com solo de terra, não de areia, e com mata perto. Eu concordo porque minha avó, Maria Cacheada Põhyhkwý Canela, contava também essa história. Ela nasceu em 1908 e faleceu em 2007. Durante toda trajetória de vida dela, minha avó nos contava, quando estávamos na roça, no tempo que éramos crianças, o porquê ocupamos esse território bonito e rico em recursos naturais. Segundo ela, muitos anos atrás e através das histórias contadas, nossos ancestrais vieram de longe para chegar até aqui onde estamos atualmente. História contada pela minha avó, nossos ancestrais viajaram muito e durante a viagens, muitos morreram de fome e de sede e muitos perderam os filhos nas estradas. Abandonaram muitas aldeias e quando eles chegavam no lugar onde tinha água, eles faziam pequena aldeia até que a água secasse. Quando a água acabava, eles continuam viajando até que conseguiram encontrar essa terra plana, sem montanhas grandes de pedra, muito bonita de riquezas naturais.

Nimuendajú (2001) escreveu também sobre a corrida de toras, ele disse que a corrida de tora é um tipo de educação física Canela. Eu também concordo com isso, porque a corrida, além de ser um instrumento de rituais, é considerada como saudável,

porque melhora a saúde do corpo dos jovens, faz com que a pessoa demore a envelhecer e faz a pessoa ficar alegre no seu dia a dia.

\*\*\*

Nos três rituais *kêtuwajê*, *wýhtý* e *ikrere* temos a corrida de tora. Quando uma dessas festas é anunciada no pátio para aldeia, primeiro é feita uma tora (*pàr*) de madeira, um tipo de tora bem pesada, envolvendo a alegria de jovens de modo geral, avisando que vai haver um ritual grande nos dias seguintes, com alegria, festa e alimentação. O *pàr* tem que ser feito de madeira que dura muito como jatobá, sucupira e aroeira. Os Canela têm um grande contato com o espírito dessas madeiras no ritual, segundos os pajés. E, de acordo com informação dos pajés, o *pàr* precisa de um pequeno resguardo que dura um dia e uma noite, isso quer dizer que não pode haver relação sexual. No dia a dia a tora utilizada é de buriti (*crow*), ela também tem um espírito que acompanha e, segundo o pajé, tem o poder de alegrar o momento de corrida.

Na corrida de tora, assim como em toda aldeia, existem as divisões que Curt Nimuendajú falava em 1944. Dizia que aldeia era dividida em vários *hakrã* (grupos). Hoje, é no ritual de *kêtuwajê* que jovens Canela vão saber o grupo a que eles pertencem, nesse ritual os *mehin* usam um cocar chamado de *pànjapy* (rabo de arara). Depois dos *pànjapy* serem usados no ritual de *kêtuwajê*, esse artefato é desmontado e usado de outra forma, e feito um grande cocar com outro nome *hàcjarati*. Este objeto é considerado um grande presente no ritual, dado para alguém que faz muito bem uma atividade que é ligada ao fortalecimento da cultura Canela. Geralmente, um cantor ganha esse cocar, mas o corredor de tora também pode ganhar. O *hàcjarati* traz muitos presentes que o acompanham, como muito tecidos para a família, que é quem decide o que fazer com os presentes. Esse é um dos objetos que trabalho nessa pesquisa, o *hàcjarati*.

Um produto é a miçanga (*kenre*), que está presente em todos os momentos na aldeia, utilizada pelos homens e pelas mulheres Canela, para enfeitar o corpo e ao mesmo tempo para os artesanatos de comércio. Está presente também no ritual, só que de forma muito diferente, ou seja, como presentes muito valorizados no ritual como *acà*, *xy*, *kôjker*, *crat re*. Tudo isso é feito de miçanga, mas também vem acompanhando de unhas de veados e fibra de tucum rasteira. Antigamente, as peças que eram usadas eram somente unhas de animais como veados do cerrado e anta, fibra de tucum rasteira, semente e

espinho de animal que se chama *croj* (porco espinho). Esse trabalho também abordará o uso das miçangas.

Outro produto é a cestaria, que pode ser usada no dia a dia, como também nos rituais. No ritual *ikrere*, a existência da cesta *kaj* trouxe uma pergunta que eu quero responder: por que ela não está presente em outros rituais? O *kaj*, no ritual *ikrere*, vem cheio de presente dentro, por que não é usado nos outros rituais? Será que teve algumas mudanças com passar dos anos? Esse será outro objeto abordado na presente dissertação.

Outro produto interessante é o uso de *cuhkon* (cabaça) no ritual de *kêtuwajê* e *ikrere*. Nesses rituais, o *cuhkon* está sendo substituído por produtos industrializados. O *cuhkon* é utilizado para banhar o amigo formal (*ihkritxwý*) nos momentos finais do ritual. A importância do amigo formal estava relacionada com a decoração da cabaça que tinha que ser bem enfeitada com a fibra de buriti com tinta de raiz de urucum. E hoje é muito diferente, o *cuhkon* está sendo substituído pouco a pouco por produtos da cidade como balde ou taça de alumínio, desde que seja um bom presente.

Um importante livro sobre os amigos formais e informais é o dos autores William H. Crocker e Jean G. Crocker chamado “Os Canelas: Parentesco, Ritual e Sexo em uma Tribo da Chapada Maranhense” (Crocker & Crocker, 2009). A obra fala sobre os contatos entre os Canela e os não indígenas, bem como a visão dos indígenas sobre esses contatos, a partir de histórias da tradição oral. Pesquisaram também as políticas indigenistas, sobre as escolas nas aldeias, a presença de missionários e da FUNAI, a organização de rituais do povo e redes de familiares. Muitos anos se passaram e as histórias continuam de forma que todos têm interesse em usar objetos nos grandes rituais, que cada vez aumentam o seu valor.

O antropólogo William Crocker juntou em sua vida artefatos, entrevistas, vídeos, fotos e textos sobre os Canela em suas pesquisas. Sabendo da existência desse arquivo e de objetos que foram enviados para o mundo dos *cupẽ*, também buscarei trazer um breve levantamento da presença dos objetos Canela em museus e outras instituições.

## **Objetivos**

Estudar os *amji kin cukrêj* (objetos) do meu povo *Memörtumre-Kanela* que foram ou são utilizados nos rituais. Com isso, pretendo valorizar e fortalecer a cultura do meu povo e estimular o contato dos mais jovens com esse conhecimento.

## **Específicos**

- Levantar e escolher alguns objetos cerimoniais para a pesquisa;
- Documentar as histórias sobre os objetos por meio de entrevistas com anciões, cantores e historiadores do meu povo;
- Observar o uso dos objetos nos rituais;
- Buscar informações sobre objetos Canela em museus;
- Mostrar a visão que o povo Canela tem daquilo que o não indígena chama de ‘objeto’;
- Fortalecer as relações do povo Canela com os objetos e rituais.

## **Metodologia**

Eu escolhi a Antropologia porque é a área do conhecimento que pode fornecer informações para que eu possa entender melhor meu povo e defender a continuidade dos rituais, do conhecimento tradicional, da língua materna e do jeito de ser Canela. Conheci muitos antropólogos na aldeia, sei da importância das pesquisas deles para documentação, para que o mundo conheça o povo Canela, para que os jovens valorizem a língua, saibam das tradições e valorizem os mais velhos de forma respeitável.

Eu sou Canela, nasci na aldeia e sou professor da escola indígena. Tenho apoio da comunidade da minha aldeia, tenho autorização do cacique e dos anciões, eu falo e escrevo na língua Canela. Participo dos rituais, das festas, dos jogos e brincadeiras, faço parte de meu grupo *Kýjcatejê*. Minha experiência com pesquisa se iniciou acompanhando William Fisher, fazendo entrevistas e anotações para ele. Na Educação Intercultural Indígena da UFG fiz pesquisa para os estágios, os temas foram “As histórias dos guerreiros que já não está sendo contadas”, “A festa da laranja”, “A alimentação antiga e atual do povo Canela” e “A história de *Caxêtihtwýj*”. Pesquisei também para o projeto extraescolar “Enfeites corporais, peças e presentes rituais do povo Canela”.

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com anciões, da participação nos rituais e do registro fotográfico dos usos das peças. Os conhecimentos que aprendi ao longo das minhas passagens, as histórias escutadas da minha vó e do meu sogro Antonio Sinsin Canela (*in memorian*) e de outras pessoas importantes são também utilizadas. Apresentarei, a seguir, algumas pessoas que estão trabalhando comigo nessa pesquisa, me passando seus conhecimentos.

**Figura 1.** Joao Luciano Pártahtpo Canela tem 69 anos de idade, é pai de família e vizinho, grande pajé e grande tocador de *hõhhi* (buzina), que atualmente mora na Aldeia Escalvado. Um dia, ele perdeu seu grande irmão Xêpkâhcuxôn (morcego sem couro) na cidade, que desapareceu deixando uma filha e grande tristeza.



Foto: Katiana Pamkwyj Canela, 2020.

**Figura 2.** Elza Hojaren Canela tem 60 anos de idade, é minha sogra, mãe da minha querida esposa Ires Pregapa Canela, grande artesã.



Foto: Oziel Canela, 2020.

**Figura 3.** Edeomilio Pàn Hi Canela tem 40 anos de idade. É meu cunhado. É estudante e pai de família, filho de grande escritor indígena que não está entre nós, Luis Carlos Jako Canela. Edeomilio Canela desde a infância se tornou um grande pajé que fala com os espíritos dos mortos, que através de sua pajelança ajuda na saúde do povo.



Foto: Oziel Canela, 2020.

**Figura 4.** Justino Catĩ Canela, meu cunhado e ex-cacique da aldeia. Ele também é um cantor importante.



Foto: Oziel Canela, 2020.

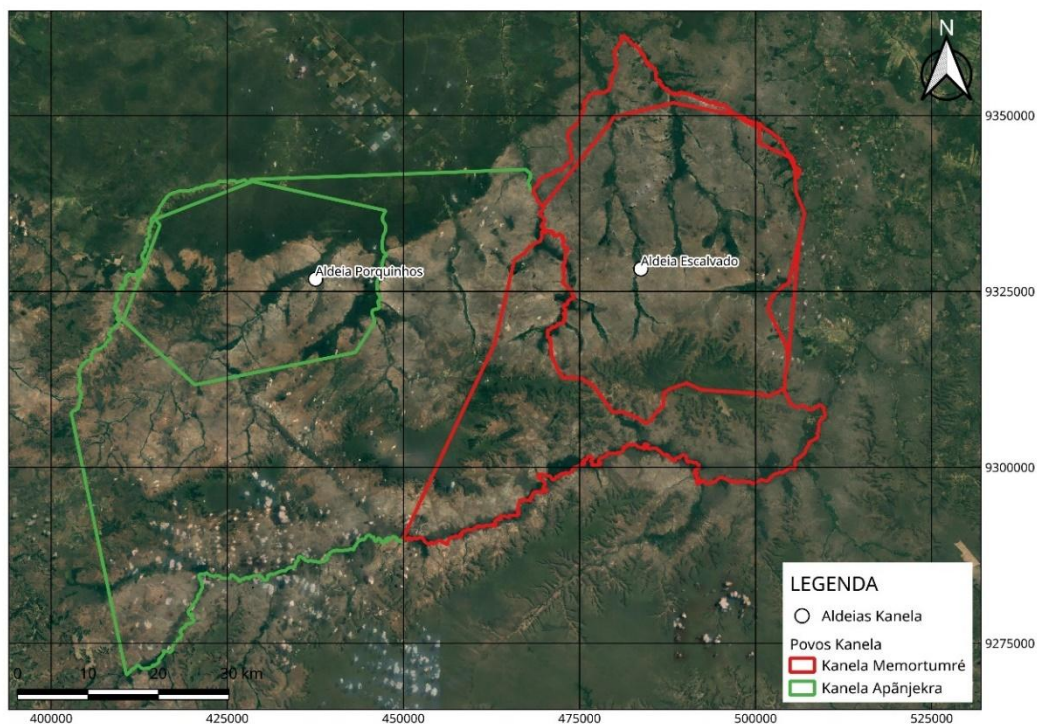
Deixo aqui os nomes de outras pessoas que colaboram com a pesquisa, senhor Francisquinho Tephot Canela (ancião), senhor Raimundinho Ihho Canela (cunhado), minha mãe Maria de Lourdes Korõ Canela, meu tio Paraci Pixan Canela, meu irmão Otavio Pártoj Canela e Ari Carámpej Canela (professor).

## CAPÍTULO 1. MEU POVO, MINHA HISTÓRIA E VIDA ACADÊMICA.

Seguindo as histórias contadas, há muitos anos, antes da chegada para o atual lugar que hoje se chama *TI Memõrtumre-Kanela*, um guerreiro Canela conseguiu cumprir sua missão, alcançando individualmente sua viagem para conhecer e depois retornar para avisar seu povo. Ele tinha visto um lugar muito bonito, um lugar que todos esperavam para morar e os que estavam viajando concordaram e continuaram viajando para chegar ao local.

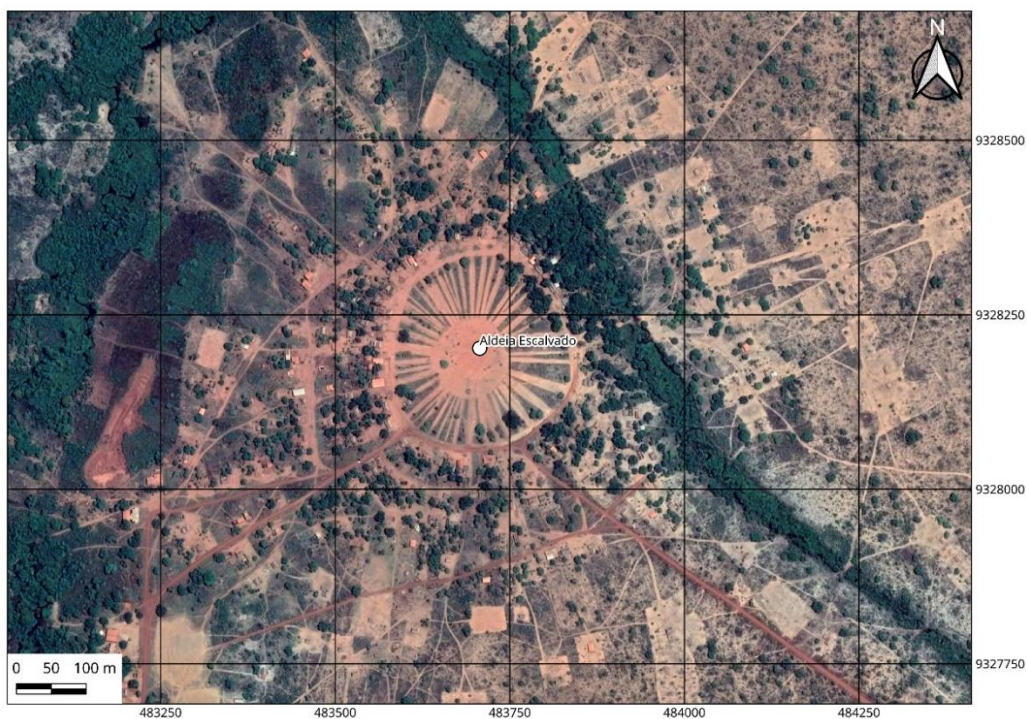
Esse guerreiro viajou sozinho na frente dos demais, enfrentando os perigos que apareciam durante sua viagem, mas ele sempre foi corajoso e venciu tudo que vinha atrapalhar sua viagem, até que enfim, chegou no lugar que andou procurando: era um lugar bonito, uma paisagem linda, com animais andando de um lado para o outro, pássaros cantando no balanço das árvores encontradas. Tudo era bonito, os sons, o cheiro e o olhar gostoso naquele momento sobre a natureza. O guerreiro respirou fundo e falou para si mesmo: agora sim, esse é meu lugar, o lugar que andei procurando durante muitos dias e agora achei a cara do meu povo, a cara da minha terra. Onde meus filhos e netos vão nascer e vão se reproduzindo e formando novas gerações, cada vez mais.

**Figura 5.** Mapa com a localização das terras indígenas Canela no Maranhão.



Fonte: Cartografia elaborada por Michiel Wichers com base no Google Earth.

**Figura 6.** Mapa com a localização da Aldeia Escalvado na TI Memõrtumre-Kanela.



Fonte: Cartografia elaborada por Michiel Wichers com base no Google Earth.

**Figura 7.** Foto aérea da Aldeia Escalvado na TI Memõrtumre-Kanela.



Foto: imagem cedida pelo Pr. Bernardo Grupp Cothy

O povo *Memõrtumre-Kanela*, denominado anteriormente por alguns pesquisadores como *Ramkokamekrá*, faz parte do conjunto de povos que foi classificado por *Côhgajpo*, nome dado por meu povo ao antropólogo Curt Nimuendaju como Timbira

(sendo os Timbira Orientais formados pelos povos Gavião, Canela Apányekra, Canela Ramkókamekra e Krahô, dentre outros povos, e os Timbira Ocidentais pelos Apinajé) (Nimuendajú, 2001).

Na época da pesquisa do *Côhgajpo*, nosso povo habitava a Aldeia do Ponto, sendo que na década de 1960 passamos a habitar a Aldeia Escalvado, inserida no mesmo território. Contudo, a terra indígena foi homologada e registrada entre 1971 e 1983 (Almeida, 2009).

Os setores de roças ficam próximos das matas ou dos rios, minha família tem casas no setor de roça. Eu também tenho setor de roça, onde tenho todo material para fazer casa, lugar para fazer roça e rio, principalmente onde tem peixe, buriti e outros materiais. Falando nisso, a atual aldeia Escalvado, única aldeia grande, se encontra também entre dois rios, sendo um rio grande (*côhcati*) e um riacho bem pequeno (*côhcahàcre*). O riacho *côhcahàcre* passa no lado onde o sol nasce, isso quer dizer na língua Canela ‘*kýjrum*’. O *côhcati* passa no lado onde o sol se põe ‘*ajpô xá rum*’.

Desde muito tempo, nossos ancestrais sempre se uniam quando iriam fazer uma aldeia, essa aldeia tinha que ser feita bem próximo de tudo, nunca fizeram aldeia longe da água e da mata. Água com peixe dentro, a natureza completa com animais, árvores que dão frutos e matérias primas retiradas diretamente da natureza para sustento cotidiano da família. Para a sobrevivência do meu povo Canela, o contato com a natureza é importante porque na maioria das vezes os materiais da natureza são reaproveitados coletivamente. E quando é dia de cantoria, em uma festa, a natureza sempre está presente na cultura desse povo tão maravilhoso.

### **Autobiografia e vida acadêmica**

A minha entrada na fase de iniciação de ritos ocorreu no ano de 1994, na Aldeia Escalvado, quando eu tinha mais ou menos oito anos de idade. O meu tempo de recluso durou seis anos. Tive a oportunidade de fazer tudo o que foi importante na minha vida, toda trajetória de iniciação e até a reclusão.

\*\*\*

Durante a convivência com meus amigos na casa de reclusão, juntos aprendemos muitas coisas, como respeitar os mais velhos, aprender a se dar bem com a família e muitos outros conhecimentos do meu povo Canela. Minha aprendizagem nos ritos de passagem foi sempre tranquila, em termos de responsabilidade da vida de criança para a

vida adulta. O momento mais importante a ser lembrado foi quando recebi meu primeiro presente de honra no ritual de recluso *ketuwaje*, feito obrigatoriamente pelo meu tio que me deu nome. Durante toda minha trajetória *ketuwaje* no início, ao meio e ao fim, consegui perceber que cada passo, cada olhar, cada sentimento eram momentos de aprendizagens naturais. O povo *Memõrtumre-Kanela* deste muito anos atrás sempre vivia e se organizava com muito orgulho de si mesmo, quando vimos que tudo isso era importante.

Os dois momentos mais importantes para os jovens aprenderem dentro do ritual *ketuwaje* são os que descrevo a seguir.

### **Momentos Bons**

Eu, como criança na época, passei uns bons momentos com nosso comandante chefe do grupo, ou seja, *ihcaponcate* (vassoura). A função de *ihcaponcate* é organizar, ensinar, aconselhar, dividir e compartilhar todos seus conhecimentos tradicionais adquiridos através dos seus tempos em ritos de passagem, quando ele estava participando. Momento bom que achei quando comia carne junto com outras crianças de minha idade e sempre dormia toda noite em casa com meus pais, enquanto os maiores dormiam na casa de reclusão enfrentando o medo da noite. Esse papel de comer carne é para aquele que se encontra ainda virgem, que nunca fez relação sexual com alguém pela primeira vez. No ritual de *ketuwaje*, todos os jovens são analisados e observados pelos *cohtumre* (vigilantes), que cada indivíduo possa fazer papel de resguardo após fazer a primeira relação com alguém mais velho que a sua idade, o que ajuda a fortalecer o seu corpo.

Ao mesmo tempo, aprender a conviver com os mais velhos da sua aldeia e da classe do seu tempo de recluso. Esse foi um momento muito importante na minha vida de passagem. Meus pais sempre me davam conselhos e mostravam como se tratam todos os amigos que se tem nessa casa. Sempre fiz muito amigos formais e informais, conheci o grupo a que sempre vou pertencer, em toda minha vida, para sempre. Nesse tempo aproveitei para ouvir muitas histórias contadas sobre antigos guerreiros do povo e da aldeia, que sempre os velhos contavam nos momentos de aconselhamento no grupo. Os Canela, desde os nossos ancestrais, há muitos anos, tiveram seus conhecimentos e saberes divididos com seus amigos, netos, filhos e, principalmente, com os parentes, para não esquecer e sim fortalecer todas as atividades necessárias. Isso já vem acontecendo desde os tempos dos nossos velhos e, às vezes, fica difícil de ver que cada momento de conhecimento é diferente no olhar dos mais velhos da aldeia. Olhando para minha

comunidade e olhando para os materiais feitos pelos homens, até quando às vezes me falam: como isso é bonito (*impej*).

### **Momentos ruins**

Desde a infância minha vida sempre foi difícil, morei o tempo todo na aldeia e na roça do meu pai e não sabia que ali também era momento de aprendizagem, andava caçando passarinho e ouvindo os cantos dos pássaros de diferentes sons, pescava nos brejos da aldeia para o sustento da família, ajudando meu pai e minha mãe nas despesas da casa.

Depois que todo mundo tinha acesso ao banho, ouvia histórias contadas pela minha avó e tudo que ela contava, eu confiava e acreditava. Como, por exemplo, quando um avião passa à noite em cima de nós fazendo pisca-pisca com luz vermelha, minha avó fala que aquele avião está levando um branco rico morto, por isso que está com luz acesa de vermelho e piscando.

Um momento ruim foi quando eu estava com meus amigos na casa de reclusão, enfrentando tudo, como o medo da noite e algumas vezes o castigo do chefe - quando uma pessoa erra e todos pagam a culpa por algo que deu errado na visão do *ihcaponcate* (chefe). Todos nós jovens tínhamos que obedecer às ordens feitas, o poder do *ihcaponcate* é o papel de ensinar, mostrar o errado e o certo. Às vezes pagamos castigo mastigando uma ou duas pimentas malagueta.

\*\*\*

Em 2001, após a reclusão de minha passagem, ocorreu a transferência para os conhecimentos e a visão na cidade, foi não tão muito fácil. Eu tinha o meu irmão que tanto gostava de estudar na cidade de Barra do Corda, onde meus pais não tinham condição de manter as despesas na cidade.

Entre 2008 e 2010, houve o retorno para aldeia e a conclusão do Ensino Médio. Depois de oito anos morando na cidade, tive que voltar obrigatoriamente para aldeia. Mas o meu retorno aconteceu com uma tragédia, que até hoje lembro.

No ano de 2008, tive oportunidade de conhecer o professor antropólogo norte americano William H. Fisher, uma das pessoas que acompanharam a trajetória do Willian Crocker na aldeia Escalvado.

Quando voltei fui logo trabalhar na escola dentro da aldeia, escolhido pela comunidade no Programa do Governo Federal BRASIL ALFABETIZADO, trabalhei

como professor da EJA (Educação de Jovens e Adultos). Foi bonito ensinar e foi bonito ter buscado aquelas aprendizagens com meus alunos adultos, que alguns são maiores de idade, participavam muito das aulas e a participação deles foi excelente no meu conhecimento. Gostava muito do meu trabalho, era o meio que sempre busquei na aprendizagem do que ia alcançar.

Em 2012, na Secretaria de Educação do Estado do Maranhão (SEDUC-MA), participei do processo seletivo para conseguir uma vaga na escola indígena do meu povo na cidade de Barra do Corda (MA) e essa vaga seria para aldeias indígenas, ou seja, a Aldeia Escalvado, a minha aldeia. Finalmente, consegui passar no processo seletivo, ocupei a vaga e fui contratado temporariamente como professor da rede estadual pela SEDUC-MA. Mesmo somente com a formação de ensino médio e algumas horas alcançadas em oficinas de educação, com o apoio da comunidade a ocupação da vaga foi tranquila. Durante o trabalho na escola, andei procurando os alunos da UFG, perguntando sobre as passagens deles na universidade.

Pelas graças desses alunos consegui acessar o site da universidade. Puxei o edital e de acordo com a regra consegui me escrever para prestar vestibular. Portanto, fui me preparando e lendo muito até que chegou o dia da prova.

O resultado foi muito legal, isso quer dizer que eu passei na prova para ser aluno da UFG no ano seguinte. Fiquei tão feliz por conseguir uma vaga na universidade, que era um dos meus sonhos a alcançar. Quando foi em 2013, no dia de fazer cadastro na universidade, a dificuldade foi maior e o problema financeiro apareceu. Fiquei muito preocupado de perder a matrícula na universidade, devido problema de dinheiro. Eu tive que sair da aldeia para Goiânia uns três dias antes do dia de fazer matrícula. E quando o dia chegou, arrumei minhas coisas, organizei todos os documentos necessários e fui deixando minha família e minha casa na aldeia. Subi no carro chorando quando olhei para trás e vi meus dois filhos chorando no chão, Ozayko e Kauiro. O sentimento e a dor aumentam cada vez mais forte, surge a vontade de desistir de tudo e ficar com minha família de tanta preocupação. Mas aquilo não era minha esperança para minha família e para vida inteira. O povo Canela sempre vem buscando esse conhecimento na aldeia, desde muito tempo para a valorização em sua cultura, do modo que fazemos na cultura e quando estamos em festa.

### **Vida na cidade durante curso de graduação e mestrado**

A vida na cidade para um estudante indígena como eu, por exemplo, é muito diferente da vida que sentimos na aldeia. Porque o campo (academia) é um ambiente diferente daquilo que eu vejo na aldeia, ou com a família, desde que eu não era da academia. O interesse foi chegando, fui aproveitando para depois contar aqui ou em outros momentos sobre tudo que me chamou atenção quando estava entre amigos *cupẽ* e outros parentes indígenas na UFG.

Em Goiânia, durante as etapas de aulas na Educação Intercultural da UFG, eu comecei a sentir uma visão e essa visão era o meu aprendizado dentro da universidade, voltado para minha vivência como indígena junto com a cultura e a língua materna. Em alguns momentos tive oportunidade de participar de aulas que falam da nossa realidade indígena no contexto tradicional da vida cotidiana. Eu sempre conseguia entender e perceber que tudo era possível para fazer continuidade no estudo. E por meio de tanta dificuldade enfrentada, tive o privilégio de aprofundar minha observação sobre aquilo que pretendo aprender. Observei que eu era uma pessoa muito interessada em aprender mais coisas e mais conhecimentos do meu povo, através dos conhecimentos que os professores dividiram comigo e com outros alunos indígenas que estudamos juntos no Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena.

Na graduação e no mestrado, alguns momentos eram difíceis de entender para aprender melhor, como, por exemplo, alguns de autores no mestrado que nunca tinha visto na graduação, a convivência e a comunicação geral dentro da UFG, às vezes é um assunto difícil.

Pensei na família por um objetivo. Resolvi levar minha família pra ficar junto comigo em Goiânia. Passamos por uma situação muito difícil e diferente das situações que meus filhos viviam na aldeia.

**Figura 8.** Eu com minha esposa Ires Pregapa Canela e meus filhos Ozayko Krãhtyj Canela, Kauiro Xyký Canela e Lorryna Kajari Canela indo para Goiânia em 2020.



Foto: Katiana Pamkwyj Canela, 2020.

### **Minha participação em função cerimonial no *Pepcahàc* (Festa de Gavião)**

Em uma certa manhã, com o nascer do sol, o dia histórico da minha vida foi chegando aos poucos. Eu ali junto com meu primeiro filho, Ozayko Krãhtyj Canela, emplumados de *hàcwyn* (pena de gavião), com alguns detalhes e acabamento com a tinta de urucum. Minha mãe, minhas irmãs e todos da família nuclear estavam ali presentes olhando e sentindo com tanta alegria de alcançar e organizar o momento de encerramento da minha carreira cerimonial no festival de *pepcahàc*. *To ihkujatec xà* (chegou o momento final) e chegou com um novo chefe cerimonial de todos. Eu pai entregando a função cerimonial para meu filho neste último *amji kin* de *pepcahàc*. Com tanta honra e gratidão entrego minha carreira cerimonial para o próximo a se responsabilizar.

**Figura 9.** Eu, pela última vez na cerimônia, sendo pintado pela minha amiga formal e meu filho Ozayko Krãhtýj Canela, ao fundo, minha mãe, minha irmã mais velhas e minha prima.



Foto: Katiana Pamkwyj Canela, 2020.

Narro aqui a minha participação na função cerimonial e como chefe cerimonial no último festival de *pepcahàc* (festa de gavião). O encerramento da minha trajetória como *kri cunea jō pahhi* (chefe cerimonial de todos) deste grande *amji kin*. Nessa ocasião, *ikritxwy* (minha amiga formal) me pinta pela última vez usando suas mãos, vermelhas de urucum, sabendo que logo ali encerra meu papel de *kri cunea jō pahhi*. Entregando a responsabilidade para meu filho que me substituiu e assumiu como o novo *kri cunea jō pahhi*. O encerramento do meu filho como papel de chefe cerimonial, acontece quando ele tiver o seu primeiro filho para repassar.

Antigamente, em certo *amji kin* de *pepcahàc* quando não existia *kri cunea jō pahhi*, ou seja, *me ho pahhi* (chefe cerimonial de toda aldeia, chefe cerimonial de todos), aconteceu um grande conflito, brigas e mortes entre grupos de amigos formais, que nessa época, todos viraram inimigos durante a realização. Pensando nisso, uns dias depois do conflito ocorrido, todos os membros ancestrais dos *prohkam* (conselho de ancião) se

reuniram no centro da aldeia *cà* (pátio) onde decidiram aprovar o novo jeito de realização onde surgiu *kri cunea jō pahhi* (chefe cerimonial de todos) para que não haja mais conflito e nem brigas entre as novas gerações.

Então, o papel de *me hō pahhi* (chefe cerimonial) durante a realização do momento e do canto *apê craw crawre* é impedir as brigas ou conflitos entre duas fileiras de amigos formais de todos *pepcahàc*, *tamhàc* e *hác*, todos segurando com as mãos uma vara de madeira cumprida, levantando a vara para cima e para baixo, como se estivesse dando sinal de brigas com seus inimigos, também com o barulho das batidas dos pés no chão. O chefe cerimonial, nesse momento, anda no meio de duas fileiras segurando uma flecha sem arco, mantendo preservado conforme realização dos nossos ancestrais.

**Figura 10.** Os amigos formais dos *pepcahàc* seguram a vara nesse momento.



Foto: Katiana Pamkwyj Canela, 2020.

Eu recebo essa pintura com pena de gavião pela amiga formal (*ikritxwy*) desde minha infância, quando assumi a função substituindo meu pai, que era chefe antes do meu nascimento. Essa mesma pintura se repete cada vez mais em todos os finais do festival de *pepcahàc*. Nessa última pintura recebida, *ikritxwy* foi paga pela minha família pelo trabalho que fez em mim ao longo de toda trajetória, desde o começo até o fim da cerimônia. Mas esse pagamento não significa que a nossa amizade formal tradicional se

encerra por aqui. Só encerra meu papel de ser chefe cerimonial (*me hõ pahhi*) no festival de *pepcahàc*. Amigo formal é sempre, para sempre, nunca terá o fim. Será sempre continuado de forma respeitosa, como vinha sendo no período em que eu estava como *kri cunea jõ pahhi* até o dia de hoje. Nos lugares que nos encontramos sempre nos tratamos como amigos formais, evitando o uso de palavras informais quando eu for falar alguma coisa, a forma de falar é toda com respeito.

Geralmente, sempre é renovada a amizade formal das pessoas, após a família nuclear pagar as despesas utilizadas durante rituais para um amigo formal de um indivíduo, no caso eu. Segundo informação que recebi através da pesquisa, quando alguém não renova contrato de amizade formal de um indivíduo, pode perder o direito de ser *ihkritxwy*. Sendo renovado o papel de *ihkritxwy*, nunca será substituído por alguém que tem interesse em ser o novo *ihkritxwy*. Caso não, de acordo com meu ponto vista no dia de hoje, a pessoa tem que renovar garantindo mais uma vez o *ihkritxwy para sempre*.

**Figura 11.** *Kij* (muquém)



Foto: Oziel Canela, 2020.

As coisas que foram dadas como forma de pagamento para minha amiga formal foram: uma geladeira nova, panelas e outros objetos de valor, a maioria comprada no mercado da cidade. Após o término da cerimônia, eu e meu filho fomos levados para casa da nossa família materna e a nossa família entregou o *kwyr cupu* (beribu) em termos de agradecimento e consideração, mantendo valores e resistências culturais e tradicionais dos nossos ancestrais.

**Figura 12.** Carne para a produção de *kwyrupu*.



Foto: Oziel Canela, 2021.

**Figura 13.** Massa de mandioca na tigela e carne para fazer o *kwyrupu*.



Foto: Oziel Canela, 2021.

O *kwyrupu* é uma comida típica tradicional do nosso jeito Canela, do nosso gosto Canela. É feita com a folha de banana braba, carne de caça - hoje em dia a maioria de *kwyrupu* é produzido ou fabricado com carne de boi, porco e até mesmo carne de frango ou peixe, mas é tudo com a cara do meu povo Canela. O *kwyrupu* sempre está presente no *amji kin* de *pepcahàc*, como em todas as outras festas. É um dever de todos da família nuclear.

**Figura 14.** Produção do *kwyr cupu* sem carne.



Foto: Oziel Canela, 2021.

**Figura 15.** Produção do *kwyr cupu* com carne.



Foto: Oziel Canela, 2021.

Dentro da minha família, desde a infância eu sou uma pessoa muito importante e respeitada em todos os momentos e em todos os lugares da aldeia no papel de *me hō pahhi* (chefe cerimonial de todos). Em todos festivais de *pepcahàc* que passei, eu sempre coloquei minha família materna numa situação de preocupação em termos de preparação e organização nas despesas necessárias e obrigatórias. Quando se realizava o final de *pepcahàc* no período que eu era *me hō pahhi*, sempre fui bem colocado e pensado pela minha família, desde o começo da trajetória cerimonial dentro e fora de *pepcahàc*, até agora no encerramento da minha trajetória como *me hō pahhi*. Quando realizamos *rāj rāj jarkwa* (festa de laranja) na aldeia, pelos homens ou mulheres, sempre aparece o momento de ataque de laranja e nesse momento eu ou minha amiga formal fazemos o mesmo procedimento feito em todos os finais da cerimônia de *pepcahac*.

Na maioria das vezes, *ikritxwy* (minha amiga formal) sempre tem essa responsabilidade, nesse momento da festa de laranja, onde irá ganhar agradecimento da minha família em troca, tipo panela de alumínio ou até mesmo coisas de comer. Isso se repete desde muitos tempo pelos nossos ancestrais, mas não na forma de agora. Atualmente, na festa de laranja, o papel de *me hõ pahhi* é o momento que chegou de retribuir com coisas de *cupẽ* (não indígena), ou seja, momento inovador que foi inventado para ficar. E no meu ponto, esse momento nunca será esquecido e sempre vai se renovando pelos nossos filhos e netos. Na cultura Canela, como foi falado em outro momento, muitas vezes, novas coisas foram inventadas de acordo com a vontade de algumas famílias de cada casa, isso fui observando e colocando para ser estudado como no exemplo dos objetos em grandes rituais.

**Figura 16.** Momento de canto noturno de *pepcahàc* no pátio.



Foto: Oziel Canela, 2020.

**Figura 17.** *Pepcahàc cujxwy* - moças no cerimonial de *pepcahàc*.



Foto: Oziel Canela, 2020

### **História de uma mulher guerreira**

Maria Cacheada Põhykwý Canela (*in memoriam*), era minha avó materna, mãe da minha mãe. Nasceu no ano de 1908, em uma aldeia pequena, um pouco distante da antiga aldeia do Ponto. Minha avó faleceu em 2007, com 99 anos de idade, na atual aldeia Escalvado no município de Fernando Falcão (MA). Maria Cacheada Canela, além de tanta saudade que deixou para família, deixou muitas histórias boas de vida e levou muitas histórias sobre o povo Canela.

**Figura 18.** Maria de Lourdes Cõrõkwỳj Canela, minha mãe, com 11 anos de idade e Maria Cacheada Põhykwỳj Canela, minha avó com 59 anos de idade.



Foto: Imagem cedida pelo Pr. Bernardo Grupp Cothy.

Minha avó sempre foi guerreira, corajosa e lutadora desde sua infância, criou oito filhos durante sua trajetória de vida difícil. Ela não sabia ler e nem escrever, mas sabia de tudo na vida dela, sua aprendizagem era excelente para ensinar, ensinou os filhos e os netos com sua sabedoria tradicional do povo Canela. E tudo que vejo hoje em dia na minha vida é o resultado dos ensinamentos que ela fez comigo. Minha avó e minha mãe foram algumas das sobreviventes do massacre Canela que ocorreu no ano de 1963, na Aldeia do Ponto.

No ano de 1963, minha avó tinha uma roça com mandioca no setor Campestre (*põhipoc*) com a distância de mais ou menos 20 km da antiga Aldeia do Ponto e 11 km da atual Aldeia Escalvado. Nessa época do massacre, ela teve que deixar obrigatoriamente suas coisas nas roças e acompanhar seu povo, quando foram transferidas para uma reserva indígena Guajajara, pela ordem da Funai, por questão de segurança. Dessa forma, foram transferidas pelo SPI e viveram na Aldeia Sardinha, dos Guajajara, entre 1963 e 1968.

Durante a estadia na Aldeia Sardinha, no território indígena Guajajara, houve sofrimentos por falta de alimentos para o sustento das famílias que moravam lá. Apesar de tanto sofrer, eles realizavam rituais, como a corrida de toras e outras atividades culturais na aldeia. Segundo os mais velhos por onde passei perguntando, disseram que na Aldeia Sardinha iniciaram o ritual de *ketuwaje* com grupo do meu pai Raimundinho Croto, só não tiveram oportunidade de terminar o ritual lá porque a maioria dos moradores

fez questão de voltar para aldeia de onde saíram depois do massacre de 1963. Portanto, esse ritual de *ketuwaje* teve início lá e terminou aqui na Aldeia Escalvado.

A partir de 1966 alguns grupos começaram a retornar. Em 1967 a maioria já tinha retornado e em novembro de 1968, todos já tinham retornado (Crocker, 1990, p. 78). Ela não conseguia morar na nova aldeia fundada na terra indígena Guajajara, devido à falta de alimento para o sustento da família. Enquanto outros enfrentavam miséria na aldeia, ela e o marido resolveram voltar para o setor Campestre, onde haviam deixado roças cheias de mandioca, panelas, machados e outras coisas de casa. Depois das decisões feitas entre família, no dia seguinte, meu avô, minha avó e minha mãe, quando era criança, saíram de madrugada por volta das 3 horas da manhã, acompanhando primeiro canto do galo da manhã. Andaram muito até chegarem no Campestre, onde haviam deixado suas coisas por causa do massacre.

Segundo minha avó, ela foi a primeira que teve coragem de voltar e ver como estava a situação depois de ataque na aldeia do Ponto. Foram primeiro visitar o setor Campestre, depois foram na aldeia do Ponto e viram que umas casas foram queimadas pelos sertanejos. Pelo que observaram, tudo estava tranquilo, daria certo se todos voltassem a morar e formar a nova aldeia. Voltando para reserva indígena Guajajara, avisou todos os parentes que tinha visitado a aldeia do ponto e sua roça campestre. Toda aldeia entrou na discussão e decidiu que todo mundo iria voltar no dia seguinte.

No outro dia, todos voltaram e formaram a atual Aldeia Escalvado. Então, aqui estão algumas coisas coletadas de minha avó Maria Cacheada Canela.

*Hamre!!!!*

## CAPÍTULO 2. OBJETOS MEMÕRTUMRE-KANELA.

Apresentarei, a seguir, cinco objetos que escolhi para falar da importância dos objetos na vida do meu povo. Quando comecei a pesquisa, tinha confirmado que os objetos escolhidos eram sagrados em algum sentido dentro das nossas tradições cotidianas. Após a defesa da dissertação realizada, busquei mais informações sobre os objetos estudados. Foi interessante saber depois que nem todos os objetos são sagrados na aldeia. E tudo que estudei na graduação sobre os objetos e enfeites corporais, pensei que ali era sagrado no sentido de cultura, mas na verdade são objetos rituais e de cerimônia. Os objetos sagrados são geralmente utilizados pelo pajé para o cuidado com a saúde. Os objetos rituais são aqueles que sempre estudei, como o *cuhtõj* e outros que são usados em grandes festas e cerimônias na aldeia. São esses objetos que vou apresentar aqui.

### **Cuhtõj (Maracá)**

É o objeto considerado como instrumento musical patrimonial usado em grandes festas e rituais do meu povo *Memõrtumre-Kanela*. De acordo com minhas perguntas para as pessoas que entrevistei, sua forma e seus usos são variados dentro e fora do *amji kin* (festas). O maracá tem formato de bola bem redonda e tem dois buracos no meio, sendo um buraco pouco grande embaixo e outro buraco pequeno em cima. E esses buracos servem para entrada e saída de cabo, feito de madeira de pau roxo de cor violeta chamado na minha língua Canela como *cuuhê kàhtyc*. E esse cabo é chamado de (*ihte*), ou seja, *cuhtõjte* que é atravessado no meio do maracá. *Cujtõjte* tem dois lados diferentes: um lado é grande onde cantor (*increr catê*) segura para usar nas cantorias de todo *amji kin* e no outro lado, o buraco já é menor com uma ponta bem fina e essa ponta serve para duas funções diferentes. Por exemplo, a ponta fina, de acordo com a histórias contadas pelos mais velhos cantores, uma vez já foi usada por um dos nossos ancestrais que furou um jovem que estava namorando com sua esposa, há muito tempo. Então nesse momento, o cabo de *cuhtõj* é muito perigoso e a gente até relembra dessa história, quando o cantor estiver com *cuhtõj* na hora de cantoria, os jovens principalmente têm que tomar muito cuidado quando estiver perto de cantor dançando ou pulando porque corre risco de ser furado pelo cantor. Já no outro momento, a ponta do cabo é bem tranquila como no “*caxê ri pôc me awajtic po*”. Por exemplo, quando os dois jovens cantores saem da reclusão

com os seus *cuhtōj* e com suas *ihpaxê* (pulseiras), acompanhando os cantores mais velhos para serem apresentados no pátio. Às vezes a ponta de *cuhtōj* é virada para baixo no chão para que o indivíduo participante possa usar as duas mãos, batendo palmas e acompanhando os ritmos dos cantos e as danças. Isso ocorre no momento de grande *amji kin* como no *awajtíc po*. Já no “*caxê ri pôc*”, o cabo também é usado da mesma forma de ponta no chão. Após uso, o *cuhtōj*, sempre é colocado com a ponta fina no chão, para que o maracá não corra o risco de cair e ficar deitado, o que no meu entender é sempre bom ficar em pé, até que todos os indivíduos peguem, dando a sequência aos momentos. Outra história tão interessante e muito importante para ser colocada aqui, é que *cuhtōj* tem uma ligação muito séria quando assunto é resguardo. As crianças que ainda não fizeram reclusão de idade não podem pegar no *cuhtōj*, se não, dará problemas mais na frente. Quando uma pessoa tem um filho ou uma filha recém-nascido, não pode pegar no *cuhtōj*, se o cabo de madeira for de pau roxo (*cuhé kàhtyc*), porque dar mais problema ainda, a criança pode passar mal, ficar chorando muito, o corpo vai inchar e a criança cada vez mais vai perdendo o corpo e ficando doente. No caso, se levar para um médico não indígena ele vai achar que é alguma doença que provocou aquilo, mas na realidade foi o fato da criança pegar o *cuhtōj*. Então, ela deve ser tratada pelo pajé da aldeia.

A parte mais importante a ser colocada é que o *cuhtōj* é um material que também tem contato com as pessoas de forma diferente, dando sinal de um algo. Se o cantor estiver cantando com maracá em grande ritual como cantoria no pátio (*incrér cati*), e se o *cuhtōj* quebrar ou cair do braço, ele deverá parar por aí mesmo, não pode mais dar continuidade. Quando isso acontece com alguém é um sinal muito sério para o cantor, através do maracá, do que pode acontecer. Segundo informação que recebi da minha vó é que quando isso acontece com alguém, por exemplo, essa pessoa não vai durar muito tempo na terra. Então, isso quer dizer que a natureza tem esse contato com nós indígenas, não somente no papel de maracá, mas em alguns momentos recebemos esses sinais da natureza. Segundo Justino Canela, não é bom o maracá ficar parado o tempo todo, ele se sente igual, a nós humanos, tem a vontade de se movimentar e de participar nos *amji kin*.

O tempo passa e o usos e formatos do *cuhtōj* mudam cada vez mais, de pouco a pouco, mas isso não quer dizer que um dia o *cuhtōj* vai ficar quadrado e sim sempre redondo, como na imagem baixo do *cuhtōj*, que se encontra com uma ponta não muito fina e nem muito afiada, isso quer dizer que alguma coisa já pode ter sido mudado.

**Figura 19.** Cuhtõj (maracá) pertence a Justino Canela, feito por ele.



Foto: Oziel Canela, 2020.

Há muitos anos, um jovem (*mentuwa jêhnõ*), não identificado, e seu tio materno (*quêtti*), também não identificado, os dois tiveram uma história que até hoje usamos essa história como exemplo das pontas do maracá, conforme já relatei brevemente. Então esse tio foi um grande cantor na época que sempre fazia ou puxava os cânticos no centro da aldeia *cáá* (pátio) usando maracá todos os dias da semana. Esse jovem sempre aproveitava o momento em que o tio estava no pátio cantando para namorar com sua esposa e fazer relação sexual. E certo dia, esse tio soube que o seu sobrinho estava no girau com sua esposa mais uma vez, então, seu tio fez questão de matá-lo usando a ponta do maracá.

Por volta de meia noite, depois de toda de toda a movimentação realizada naquela noite, quando alguns pássaros do dia já começaram a acordar, aí o tio resolveu pegar o caminho que vai para a casa da sua esposa, onde sua esposa já se encontrava deitada com seu jovem sobrinho. Esse tio cantou uma música para matar, que até hoje é cantada em grande cantoria da madrugada depois da meia noite. Então, o velho tio matou o jovem que era seu sobrinho com a ponta do maracá bem afiado e por isso que hoje em dia o povo Canela sempre relembra dessa história para que isso não aconteça mais. Aproveito aqui minha escritura, para lembrar que os Canela há muitos anos confirmam que o sexo era uma atividade importante no dia a dia do povo, conforme indicam estudos anteriores (Crocker; Crocker, 2009).

**Figura 20.** Cantoria no pátio (*increr cati*).



Foto: Oziel Canela, 2020.

A imagem nos mostra que o maracá se encontra no braço do cantor, onde faz movimentação de alegria tradicional, soltando sons e acompanhando ritmos da festa. O maracá se movimenta cada vez mais, buscando e soltando energia dos nossos ancestrais, os espíritos da natureza para que nós Canela, de modo geral, tenhamos os bons olhares e ensinamentos de todos, para nossos filhos e netos que virão para o mundo Canela. O maracá original chega com som muito alto, as pessoas podem até ouvir o som com uma distância de 2 mil metros. Essa informação obtive da minha sogra Elza Canela que fala que quando estava na roça Baixão Preto conseguia escutar o som do maracá do seu Abilinho, um grande cantor que não está mais entre nós.

Na figura 20 é possível ver que nesse momento as meninas cupryre (mocinha) precisam olhar bem e acompanhar bem todos os detalhes e ritmos das músicas, danças e principalmente do jeito que a festa é, junto com as mulheres mais velhas que ensinam, espalhando seus saberes tradicionais, representando com muito orgulho o valor e a riquezas que elas são, com suas pinturas corporais e as vozes de alegria que alegam a tarde do dia. As mulheres ficam em fileiras olhando para o pôr do sol e os homens dançando de frente para as mulheres se misturando com vapor da poeira no pátio da cantoria. O dia se despede para noite, com uma cantoria da aldeia (*increr cati*).

O maracá desde muito tempo vem com essa riqueza de valorização e de resistência dentro do povo Canela, conforme acompanho suas histórias na aldeia.

### ***Ihcapon xà (Vassoura)***

Vassoura é um material que é muito conhecido não somente no mundo dos brancos, mas também na cultura das sociedades indígenas de todo Brasil, incluindo meu povo *Memõrtumre-Kanela* do estado do Maranhão. A vassoura na cultura Canela é muito usada de forma tradicional em dois grandes rituais importantes que garantem a passagem de jovens a adultos, com a participação eventual de crianças. Nos últimos rituais de *ikrere* e *pepcahàc* que acompanhei, durante a realização da minha pesquisa, a vassoura é obrigatoriamente usada tanto pelos amigos formais quanto pelos grupos que tem direitos somente no momento de realização no *amji kin* (festas).

O uso da vassoura pelo amigo formal é no *amji kin* de *pepcahàc*, cada *ihkritxwý* (amigo formal) de um jovem *pepcahác* fará uma vassoura tradicional com material retirado da natureza, e esse material de fazer vassoura é específico que não pode ser outro material que não seja *ra jõhhê pàr* (árvore paca) nesse momento de *amji kin*. Desde os tempos de nossos ancestrais, a cerimônia com as vassouras ocorre nos dois momentos de grandes *amji kin* (festas), são realizadas três varridas tanto no *ikrere* quanto no *pepcahàc*. Pelo que entendo, observando as duas festas, o nome dos três momentos em que as vassouras são usadas é *ihcapõn* (varrida), que significa que alguém varreu o certo local. E esse alguém pode ser um *ihkritxwý* (amigo formal) na festa de *pepcahàc* ou pode fazer parte do grupo que tem direito de varrer na festa de *ikrere*.

No *amki kin* de *ikrere* as pessoas que fazem parte do grupo que tem direito de varrer, como eu por exemplo, sou *Kýjcatejê*. (grupo de cima), esse nome representa leste onde o sol nasce. Quando eu estava na época de reclusão no *ikrere*, alguém do *harãhcateje* (grupo de baixo) varreu o local que foi feito exclusivo somente para eu usar enquanto estava de reclusão no *ikrere* (casinha) e esse local tem nome de *ajcahhê*, que é um tipo quintal bem pequeno atrás da casa todo cercado com folha de *awarhô* (folha de anajás). A primeira cerimônia de varrida com vassoura acontece no primeiro mês de realização da festa que abrirá o espaço para a caçada no mato, isso quer dizer que a família se organiza para a caçada tradicional e os demais momentos como a segunda e a terceira varrida se realizam quase no final da festa.

No dia que se realiza *ihcapon* (varrida) no *ajcahhê* as irmãs ou a mãe entregam uma tigela de comida para pessoa que varreu o local. Assim, desde antigamente, quando alguém varre o quintal do recluso, a família leva uma comida típica tradicional com carne

de caça (paca, tatu, cotia e outros) e essa comida é feita pela família do jovem recluso. Minha família fez uma comida com carne de veado do cerrado.

Aproveitando aqui e concordando com Crocker (1990), que aponta que os jovens precisam evitar andar descalços, principalmente durante a noite, e pisar no chão por causa dos perigos. Desde muito tempo, que os jovens sempre fazem isso em todos os rituais, principalmente no *amji kin* de *ikrere*.

**Figura 21.** Rodrigo Cuityj Canela com vassoura.



Foto: Oziel Canela, 2020.

No *amji kin* de *pepcahàc* (festa do gavião) o amigo formal de cada indivíduo varre três vezes no período da festa. Primeiro, a varrida vai até o caminho que vai da casa para pátio. O *ihkritxwý* (amigo formal) em cada varrida no caminho de casa para pátio central, varre até bem pouquinho, na segunda varrida vai até no meio do caminho e na terceira e última varrida vai até o pátio. Nessa cerimônia de varrida na festa de *pepcahàc*, pelo que acompanhei agora, são duas vassouras usadas, sendo uma vassoura tradicional estilo Canela, para fazer a varrida e outra que pode ser comprada no mercado da cidade, para presentear o amigo formal. As vassouras que são compradas na cidade podem ser consideradas uma inovação dentro da cultura Canela. E no meu ponto de vista, a vassoura

tradicional nunca será substituída pela vassoura comprada no mercado da cidade. Mas sempre será acompanhada com a vassoura da cidade em forma de um presente que a família responsável do jovem *pepcahác* compra para o *ihkritxwý* (amigo formal), que atua em todos os três momentos de varrida na festa de *pepcahác* (festa do gavião). As entregas de comida e vassouras para pessoa que varreu, geralmente acontecem após as varridas. Quando ele termina de varrer, a pessoa é chamada para dentro de casa onde irar receber o prêmio de comida e a vassoura nova.

A partir da observação dos momentos nos dias de varrida, tanto no *amji kin* de *ikrere* quanto no *pepcahác*, busquei o valor que é gasto pela família para as despesas nos dias de *ihcapon* (varrida), que tem as diferenças nos valores gastos. Fiz uma comparação a partir da minha família nos dois últimos *amji kin* (festa) de *ikrere* e *pepcahác*. Percebi que o valor gasto em um dos dias de varrida no *ikrere* chegou em torno de 50 reais, sendo carne e arroz, cozinhada na panela e mais 1kg café, 1kg açúcar e 1 pacote de biscoito salgado “3 em 1” para enfeitar. Quando digo enfeitar, quero destacar o esforço em fazer um presente que seja bom, que alegre o amigo formal, no caso do meu filho, que estava passando pelo *ikrere* que trago como exemplo. Já na no *pepcahác* (festa de gavião) o gasto pode ser diferente, chegando até o valor de 200 reais ou mais, dependendo da condição pessoal da família. A preparação da comida para o *ihkritxwý* (amigo formal) e a preparação da vassoura para varrer o caminho de casa para o pátio demandam muita atenção, o que me deu vontade de escrever a importância. Eu participei e preparei os dois momentos, *ikrere* e *pepcahác*, com todo o cuidado e tudo deu certo, sem nenhuma preocupação ou desespero, sempre foi bom. Quando for preparar algo para o *ihritxwý* (amigo formal), é preciso tomar muito cuidado quando for buscar lenha no mato, olhar bem o local onde estiver preparando o material, como a vassoura e a lenha, evitando os perigos que a natureza também oferece no nosso dia a dia. Se no caso, algum sinal de perigo aparecer durante a preparação do material, não pode continuar fazendo, pois precisa desistir do local e se for necessário precisa mudar para um lugar diferente e pegar outro material novo para ser usado na preparação.

Hoje em dia para o momento de varridas no *ikrere* as pessoas precisam preparar somente comida como arroz ou farinha para fazer uma mistura com carne, mas às vezes são colocados na vasilha somente café, açúcar, leite, biscoito e outros. Antigamente era somente entregue para pessoa que varreu, carne de caça moqueada com farinha ou até mesmo *beribu*, que outros parentes Timbira chamam de *paparuto*. As pessoas que varriam deveriam levar a comida para pátio onde se encontravam com todos os amigos e

onde comiam comidas arrecadadas no dia de varrida. Só que hoje não vejo isso acontecer na aldeia, geralmente as pessoas que varrem, levam tudo para casa aquilo que ganhou na varrida, para comer com sua família. Mas a maioria dos jovens solteiros ainda fortalecem a cultura, fazendo as regras da festa juntando comida no pátio onde tive oportunidade de tirar fotos de comidas para usar, conforme abaixo.

**Figura 22.** Comidas arrecadadas na varrida de *ikrere*.



Foto: Oziel Canela, 2019

Nessa varrida de *ikrere* os jovens que já tiveram uma relação sexual com uma mulher, quando chega esse dia a mulher tem direito de pedir comida com quem já fez relação. Esse recado de dar comida para mulher no dia de varrida no *ikrere* já vem desde os tempos de nossos ancestrais. Minha avó falava que fazia isso também, pegar comida nas mãos de quem já fez relação sexual com ela, ela falava que quando acontece os dias de *ihcapon* ela vai receber muita comida porque ela tinha muitos amantes e amigos que ajudam quando ela precisa. Como na época dela não tinha nada, tipo mercado de venda, ela sempre ganhava dos homens carne de caça e outras atividades e favores que são necessários e que são obtidos com quem já namorou.

Na nossa cultura, a *ihcapon* (vassoura) tem um nome muito grande e sempre é representada de maneira respeitosa, que toda comunidade do meu povo Canela usa valorizando no sentido de mostrar que as vassouras têm esse valor muito grande e que são usadas nos grandes rituais como no *ikrere* e *pepcahàc*. Uma pessoa que se torna uma liderança nos rituais e faz a varrida é chamada de *ihcapon cate*.

Muitas vezes, as pessoas não indígenas e até mesmo as pessoas no meu povo, tratam as vassouras como se fossem um objeto qualquer, que não tem valor, usou e jogou fora. Mas quando comecei a pensar e estudar sobre o tema, e muitas pessoas também

começaram a pensar junto a mim, observei que vassoura tem essa riqueza e valor dentro da comunidade na qual eu moro. A vassoura tem uma relação muito importante e bonita nesses rituais. Com ela, as pessoas muitas vezes conseguem arrumar namorado ou namorada, estar juntos dançando e brincando ao mesmo tempo. E por isso, resolvi estudar a vassoura e colocar algumas informações importantes para que todas as pessoas da aldeia e da cidade, como não indígenas (branco), conheçam essa história.

**Figura 23.** Ihcapon xà (vassoura).



Foto: Oziel Canela, 2020.

**Figura 24.** Vassoura da cidade.



Foto: Oziel Canela, 2020.

**Figura 25.** Jovens Canela com vassoura para varrida cerimonial na festa de *ikrere*.



Foto: Elker, 2008

**Figura 26.** Evair xáp Canela com comida e vassoura na festa de *ikrere*.



Foto: Elker, 2008

### ***Kenre* (Miçanga)**

Um produto é a miçanga que está presente em todos os momentos na aldeia, trabalhada pelas mulheres Canela para enfeitar o corpo e ao mesmo tempo para o

artesanato, sendo essa última palavra sempre relacionada ao comércio. Está presente também nos rituais, só que de outra forma, muito diferente, ou seja, como peças patrimoniais por serem valorizadas nos rituais na forma, por exemplo, de *acà*, *xy*, *kôjker* e *crat re*. Tudo isso é feito de miçanga, mas tradicionalmente, vem acompanhado com unhas de animais como veados, anta e fibra de tucum rasteira. Antigamente, as peças usadas em grandes rituais eram feitas somente com as coisas da natureza, unhas e dentes de animais, e as vezes penas e ossos acompanham juntamente com as cordinhas feitas com fibra de tucum ou da folha de buriti.

**Figura 27.** Acà (cinto).



Foto: Oziel Canela, 2019.

**Figura 28.** Xy (cinto).



Foto: Oziel Canela, 2019

**Figura 29.** Presentes cerimoniais oferecidos pela rainha.



Foto: Oziel Canela, 2019.

Atualmente, as unhas de veado do cerrado (*cará jixwa*) são mais usadas para fazer cintos na aldeia, substituindo as unhas de anta (*cukryt jixwa*). Da mesma forma como a miçanga também substituiu algumas sementes e espinhos de animal *croj* (porco espinho ou guandu), usados nos cintos de *acá* e *xy*. Nos anos de 1930, de acordo com a minha avó, ela falava que, como não existia miçanga na época, então ela ou a família da aldeia sempre usava sementes e espinhos de animais como *croj* (quandu) para fazer cintos ou as peças que são de importância para as comunidades em momentos de *amji kin* (festas). Quando era época de festa tudo era tranquilo, nada de miçanga e nada de linha de algodão, sempre somente cordinha com fibra de tucum rasteira ou imbira de buriti. Com a chegada de Nimuendajú na aldeia, a miçanga foi chegando aos poucos na aldeia, para serem usadas em peças de grandes valores na comunidade Canela. Os recursos necessários para a compra das miçangas acabam gerando muita preocupação, o que não existia antes, quando tudo que era usado era encontrado na natureza.

Vemos nas figuras 27, 28, 29 e 30, que a miçanga está representada de formas variadas na aldeia, tanto no uso tradicional do dia a dia, quanto na confecção do artesanato para o sustento da família. Devido ao valor que a miçanga tem nas festas ou na aldeia, homens e mulheres da família que tem a obrigação de fazer peças de grandes valores, que servem como um presente, precisam comprar muitas miçangas para fazer o material necessário da festa. As principais pessoas que confeccionam peças de grandes valores com miçangas são a família que tem *ihcuixwý* (rainha) no *amji kin* da reclusão de

passagem. Esta família precisa preparar durante a festa de reclusão um *kôjker* e um *cratre* (Figura 29), com miçangas para presentear uma jovem mulher no final de *amji kin*.

O *kenre* na aldeia é um dos principais objetos valiosos que chegou e que está presente em quase todos os momentos tradicionais da aldeia, pelos homens e mulheres. É uma das coisas mais importantes no papel de valorização cultural, na preservação tradicional e, principalmente, no fortalecimento das funções específicas que cada um representa. Atualmente, com o uso das miçangas, as grandes cerimônias na aldeia ficam muito coloridas.

Durante minha busca na aldeia pelas pessoas entrevistadas, procurei saber como as miçangas são tratadas na aldeia. Então, recebi uma fala como se fosse uma resposta para minha pergunta, que não podia deixar de escrever. *Kenre* na realidade, *ampo cunea krin kam* (é tudo na aldeia), como me relatou minha irmã Diana Canela, pelas pessoas que usam como crianças, jovens, adultos e até idosos. A maioria dos adultos afirma que fica lindo quando se misturam as cores, as poeiras e os ritmos da festa. Em qualquer momento das festas o *kenre* está presente, enfeitando os corpos dos jovens, que ficarem bonitos no seu dia a dia e alegrando tudo como nos momentos de *amji kin* (festas), com grande importância para o povo Canela.

A visão Canela para as miçangas se torna cada vez mais colorida e rica nos momentos que são usadas nas festas. *Kenre* para todo lado, nos braços, no cinto, no pescoço e outras partes do corpo dos homens e mulheres. Antigamente, há muito tempo, quando era enfeitado o corpo, não se preocupava tanto com o *kenre* (miçanga), porque os materiais usados eram encontrados no mato, era só ir buscar e fazer os enfeites corporais para que ficasse tudo pronto para usar. Nos anos 1960, de acordo com meu pai Raimundinho Kroto Canela, quando alguém namora com outro sempre faz pulseiras com talo de buriti ou com miçanga e entrega como um presente para o namorado ou namorada, com quem tem um bom relacionamento de amor ou amizade.

**Figura 30.** Kivia Kàrjapà Canela enfeitada de miçangas, com peças feitas por sua família.



Foto: Oziel Canela, 2019.

Minha avó falava que quando no tempo que era mocinha, não tinha miçangas para enfeitar o corpo sempre usava *hōrti* (imbira), ou seja, fibra da folha de buriti. Mesmo usando somente outros materiais da natureza como imbira, fibras, sementes ou folhas, os enfeites corporais sempre ficavam bonitos, deixando as pessoas mais bonitas, alegrando os espíritos dos nossos ancestrais que acompanham durante as cerimônias realizadas. Falando em fibra, minha sogra fala que usou cordinha feita com fibra de tucum para presentear meu sogro quando eles namoravam. Ela fala que miçanga na época dela não tinha tanto valor como vemos hoje, o tamanho do valor que a miçanga tem na aldeia. Segundo ela, tinha vergonha de usar material feita de miçanga e ela nem dava valor. Hoje ela dá muito valor para que a miçanga se reproduza de forma rica e produtiva na aldeia. Hoje em dia, *me cupryre* (as mocinhas), usam mais as pulseiras ou colares feitos de miçangas para presentear seus namorados.

**Figura 31.** Lauana xen e sua irmã Leticia krājno enfeitadas de hōrti (imbira). Observe que é a mesma forma de uso da imagem anterior, mas no outro exemplo, feito de miçanga.



Foto: Oziel Canela, 2019.

As formas de confecção e o jeito quando estiver pronto para ser entregue são diferentes, como fiz minha comparação em dois momentos. Momentos de uso de miçangas como enfeites corporais em grandes *amji kin* e o momentos do dia a dia, com uso diário de miçangas nos braços, no pescoço e na maioria das vezes para o sustento da família de casa com a venda desses objetos cotidianos como artesanato.

Desde o início do ano de 2000, os colares, por exemplo, eram feitos de um jeito único para presentear os namorados, eram todos e sempre quadradinhos com os detalhes de desenhos dentro e outra pecinhas para baixo e as pulseiras, a mesma coisa, era simples de fazer. Para fazer uma pulseira de miçanga nessa época, era necessário começar fazendo uma forma que as mulheres Canela chamam de *rop juhture* (pesinho de cachorro). O pesinho de cachorro é o jeito de começar a fazer uma pulseira de miçanga usando 3 (três) pedrinhas, era bem simples, quase todas me *cupryre* (as mocinhas) sabiam fazer.

Hoje no ano de 2020, mulheres que faziam pulseiras ou colares simples há 19 anos atrás, agora elas têm experiência e são especializadas em fazer peças que são feitas de miçanga. Colares de apitos e cintos de corrida *acá* que eram feitos com cordinhas de tucum, agora são feitas somente de miçangas que são trazidas da cidade por valores muito

caros. As mais usadas e mais procuradas para fazer as peças de grandes valores são aquelas miçangas bem pequenas, que custam caro na loja. Essa transformação e desenvolvimento que a miçanga está tendo no momento na aldeia, já vem desde início do ano 2000. E desde 2010 para 2020, todos *amji kin* que participei e acompanhei são coloridos de miçangas, principalmente, em mulheres - na verdade as mulheres usam mais peças de miçangas que os homens para enfeitar o corpo. Os colares de miçangas que tem desenhos grandes como cara de onça pintada ou desenhos de pássaros grandes são o novo modelo que chegou na aldeia através de pesquisas das mulheres Canela, são peças para usar no dia da festa e também fora da festa, ou mesmo vendidos.

E esses desenhos de animais nos colares ou em pulseiras, pelo que observei os preços nas lojas da cidade ou na aldeia são muito caros, tanto para venda quanto para compra. E por que são caros assim? Uma pergunta que recebi de um homem branco. Fui atrás da resposta pelas pessoas que mexem com colares e pulseiras de miçangas, uma dela é minha irmã Diana Canela. Ela fez um colar muito bonito com desenhos de arara azul para enfeitar e ela me disse que quando foi vender esse colar, vendeu muito caro, mas não sei o valor. Ela fala, respondendo a minha pergunta, que todas as mulheres que trabalham com miçanga precisam valorizar o seu trabalho e ao mesmo tempo é uma produção muito cansativa que demora horas ou dias para ficar pronta. Além disso tudo, tem a questão do preço, é necessário tirar lucro do valor que foi gasto nas despesas de compras na cidade. Ela fala também que são duas formas de pensar, depois que se faz um serviço grande de miçangas, a pessoa sai com lucro caso a peça seja vendida por um bom valor ou a pessoa fica com prejuízo, caso a peça seja um presente oferecido nos rituais. Por que prejuízo? As pessoas que são membros da família em grande *amji kin* tem responsabilidade em fazer algumas peças de honra como *kojker* e *crat re* (colares cerimoniais), precisam fazer muito gastos para que o material de presente fique pronto até o dia da entrega para o dono. Como na minha cidade ainda não tem loja que venda as miçangas específicas para fazer o serviço necessário, é necessário ir até Goiânia (GO), Marabá (PA) e São Paulo (SP). Então, esses são os lugares de onde trazemos as miçangas para aldeia. Em toda *amji kin* (festas) que tem miçangas representadas em peças importantes são trazidas dessas cidades.

**Figura 32.** Usos de miçangas pelos homens e mulheres.



Foto: Oziel Canela, 2019.

Durante toda a minha caminhada em pesquisa de campo sobre a miçanga, percebi no último *amji kin* de *pepcahác* que minha sobrinha, filha do meu irmão Otávio Pártoj Canela, foi uma rainha desse *amji kin* e como ela é uma pessoa importante da festa, pois a família responsável da rainha tem a obrigação de fazer *crat re*, eles fizeram esse material de presente muito bonito e grande. Foi comprada muita miçanga e muitos tecidos (panos) para acompanhar o presente que a família da rainha fez. Como meu irmão teve essa obrigação no período da festa, ele acabou passando por um momento e situação difícil, pois em vez de comprar alimentação e roupas para família, comprava somente miçangas e outros materiais necessários da festa, mas no fim tudo deu certo para ele.

O papel de *ihcuxwý* (rainha) na festa traz muitas despesas para família na atualidade, mesmo sabendo das despesas todas as mães com apoio do tio materno da moça precisam colocar sua filha ou neta para ser uma rainha de um grupo na festa de *ikrere* ou no *pepcahác*. Hoje na aldeia, a família que tem uma pessoa importante na festa como *ihcujxwý* (rainha), é considerada dona da festa, pois eles que são responsáveis por tudo, assim, a aldeia depende que a família esteja pronta e organizada para que a festa possa terminar.

**Figura 33.** Mocinhas enfeitadas de miçangas.



Foto: Oziel Canela, 2019.

Portanto, coloco minha preocupação que daqui alguns tempos não veremos mais mulheres Canela enfeitadas de cordinhas feitas com fibra de tucum ou imbira de buriti. Veremos somente enfeites de miçangas, como vemos na imagem acima que já é um sinal de que todas as pessoas irão se enfeitar cobrindo seu corpo todo com miçanga. E a partir do olhar para as pessoas que usam material de miçanga, cujo uso é o mesmo do passado, quando essas peças eram feitas de itens da natureza, observo que as peças nunca perderão sua importância dentro da festa e dentro da cultura Canela, sempre resistindo da maneira que são usadas, que nossos ancestrais deixaram para nós.

### **Kaj (Cesto)**

O cesto *kaj* é um produto de trançado, feito com talo de buriti que pode ou deve ser usado no dia a dia na aldeia para transportar coisas necessárias do povo Canela e como também nos *amji kin* (rituais e festas). No ritual *ikrere*, a existência do cesto *kaj* é obrigatória e muito valorizada pelas pessoas da aldeia. Como o povo Canela vive sempre em contato com a natureza, os materiais que utilizam nas confecções de trançados são os que a natureza oferece.

Durante toda minha observação, percebi que o *kaj* é um cesto que desde tempo de nossos ancestrais vem sendo um presente muito valorizado no período em que os jovens ficam reclusos no seu tempo de passagem (*ikrere*). O *kaj* é um material fabricado pelas mulheres da aldeia, o marido coleta a matéria prima no mato e leva para a esposa ou alguém fazer em casa. Na minha língua, o nome da matéria prima que é retirada da natureza para fazer o cesto é *kajate* (talo de buriti), o *kajate* é uma casca que é retirada do talo de buriti e essa casca é específica para fazer qualquer tipo de cestaria, como por exemplo o *kaj* que pertence a meu povo desde muito tempo.

**Figura 34.** Raimundinho Ihho Canela, cortando talo de buriti para fabricação da cestaria.



Foto: Oziel Canela, 2021

Na festa de *ikrere*, os cestos *kaj* são entregues no final da cerimônia para pessoas que fizeram banheiro, ou seja, que cavaram buracos para os jovens reclusos fazerem suas necessidades durante seus dias de reclusão sem sair de casa. Eu, por exemplo, ganhei um *kaj*, acho que foi no ano de 2008. Para ganhar, eu tive que passar no processo de organização do grupo de acordo com as regras do *amji kin* de quem pode ou não ganhar *kaj*. Nesse período, os dois grupos da aldeia tanto *Kýjcatejê*. (grupo de cima) e como *Harãhcatejê* (grupo de baixo) se organizaram para fazer outra formação de subgrupo, onde a pessoa irá acompanhar seu grupo na qual tem direito ou não de ganhar *kaj*. Nem todos ganham, mas todos tem o direito de ganhar, isso dependerá das prioridades existentes para as pessoas na hora da divisão dentro do grupo. Nesse período da divisão de *kaj* (cesto), eu pertenço o grupo *cupê* (branco), no esquema de posicionamento dos

grupos de pintura (Menkacá) no pátio, que fica ao rumo do posto da FUNAI ou onde o sol se põe à tarde.

**Figura 35.** Kaj (cesto).



Foto: Oziel Canela, 2019.

Eu como um dos que tem prioridade de ter um *kaj*, fiz questão de organizar a divisão, anotei todos os nomes dos jovens de reclusão que pertence a meu grupo *cupẽ* (branco) incluindo *ihcujxwý* (rainha) e contei todas as cestas que deveriam ser feitas para ser entregues no final da festa pelas famílias dos reclusos. Percebi então, que a quantidade de número da cesta ultrapassou das pessoas que tiveram prioridade de ganhar e quase todos ganharam. A cestaria *kaj* da rainha terá que ser a maior de todas, bem grande com muitos prêmios dentro, devido ao tamanho da cesta, todos querem ganhar, sabendo que nela terá muitos prêmios dentro. Depois de ter tudo organizado, entreguei no papel o nome de cada pessoa e o local onde iria ganhar cesta. Eu finalmente, depois de tanta discussão fiquei com cesta de *ihcujxwy* (rainha), com tanta alegria fui levando papel com meu nome e entreguei na casa da rainha. Recebi uma resposta boa da mãe da rainha que tudo daria certo para mim no dia da entrega da cesta. As vezes muitas pessoas acabam não ganhando, mesmo tendo direito como prioridade de ganhar, por motivos de problemas entre as famílias.

Hoje em dia e pelo que eu vi na última cerimônia da cesta, algumas pessoas da família não aceitaram certas pessoas escolhidas do local da divisão e que levaram papel com nome e voltaram com respostas de não poder ganhar. Não sei se isso sempre acontece desde muito tempo atrás, não sei se é agora que aconteceu nessa última festa.

Tradicionalmente isso nunca aconteceu, pessoas inventando história para não fazer certo trabalho da cerimônia por causa de pouca coisa. Uma pessoa me falou que quando isso acontece é porque a família talvez já tenha tido negócio de briga ou negócio de dívida tradicional. Isso sempre vem se repetindo cada vez mais nas peças que considera como presente em grandes *amji kin* (festas).

A partir da busca pelos mais velhos durante o trabalho de campo sobre *kaj*, em relação os presentes que são colocados, dentro levantei outras informações. Nos anos 1930-40, minha avó falava que não existiam produtos do mercado nessa época, pois sempre eram colocadas na cesta coisas de alimentos. Na última caçada que sempre acontece tradicionalmente no *ikrere*, pessoas ou famílias se espalham sempre da aldeia para suas roças ou lugares que escolheu para fazer caçada final. Ao longo da caçada, cada família preparava tudo que é necessário e sempre voltava da caçada para a aldeia levando *kaj* (cesta) já pronta, com carne de caça moqueada, inhame, batata de cor violeta, amendoim, abobora, farinha de mandioca, massa de mandioca na forma de bola, feijão verde, arroz com casca e outras coisas que não são da cidade. Então tudo isso que citei os nomes era colocado dentro do *kaj* (cesta) pela família do recluso, para presentear pessoa que ganhou a cesta. Minha avó falava que, na época quando ela fazia parte da caçada tradicional ela mesma fazia *kaj* porque quase toda mulher sabia confeccionar *kaj* naquela época e ninguém não comprava na mão dos outros. O *kwyr cupu* (beribu ou paparuto) é feito no dia da cerimônia com massa de mandioca e carne dentro na forma de uma pizza bem grande, sendo entregue pelo tio do recluso para o grupo dividir entre eles no pátio.

**Figura 36.** Arýjhy pre (arroz) separado para colocar na cestaria kaj na festa de ikrere.



Foto: Elker, 2008.

**Figura 37.** Preparação de kwyr cupu (beribu).



Foto: Crocker, 1993.

**Figura 38.** Preparo da kaj para ser dada como presente.



Foto: Edval Canela, 2019.

Desde anos 1980, através das pessoas que entrevistei, as coisas colocadas na cesta como presente dentro da *kaj*, começaram a mudar de pouco a pouco, isso quer dizer que cada pessoa da família além da alimentação natural, começou a colocar coisas da cidade como facão, panela ou machado de ferro. Já no início do ano 2000 para 2019, toda família da aldeia começou a colocar dentro do *kaj* coisas da cidade como arroz de pacote, farinha, panela de pressão, biscoito salgado ou doce e outras coisas que são compradas e trazidas da cidade para serem colocadas dentro da cesta. No dia que ganhei, as coisas na minha *kaj* eram em sua maioria compradas na cidade. A minha cultura, nos dias de hoje, em relação aos produtos que são utilizados em grandes festas continua valorizando o fato do meu povo preservar e fortalecer cada vez mais os valores e a importância que os objetos têm dentro de todos os *amji kin* da aldeia. É fundamental pensar na existência dos materiais valiosos em todos os *amji kin*, onde iremos fortalecer cada vez mais para que os filhos e netos da futura geração conheçam também todas as riquezas que existem na comunidade e na nossa cultura Canela.

**Figura 39.** Kaj mã pô.



Foto: Elker, 2008.

No dia da entrega, a família começa a organizar a cesta e colocar as coisas por volta das 17:30hrs da tarde. Durante a noite, todas as cestas precisam ficar prontas e depois que estiverem prontas são chamadas de *kaj mã pô* (cesta carregada), sendo colocadas na frente das casas. Para fazer um *kaj mã pô* ficar pronto, a pessoa coloca *kaj* vazio no chão e vai colocando coisas até passar a metade da cesta, depois coloca o suporte de folha verde de buriti para cima, então vai colocando mais coisas até terminar. Quando terminar, o *kaj mã pô* fica bem grande e pesado, nenhuma pessoa consegue carregar sozinha para sua casa, precisando da ajuda de pessoas para levar. As entrega das cestas para as pessoas que ganharam sempre acontece pela parte da manhã. Por volta das 06:30 da manhã, as pessoas recebem o sinal do chamador do pátio, avisando que podem levar suas cestas para casa e verem o que vem dentro. Na verdade, tudo que vem dentro da cesta é importante para quem ganhou e aquele que não ganhou sempre fica triste olhando as pessoas carregando cestas de um lado e do outro.

Nós indígenas do povo Canela, sempre carregamos estes valores e as memórias que temos na aldeia, como objetos valiosos que existem dentro da cultura, dos saberes tradicionais que se repetem cada vez mais fortalecidos em todo *amji kin* e tudo aquilo que tem sua história é importante para minha comunidade.

Segundo uma história contada pelo senhor João Luciano Canela, no tempo muito antigo, quando chegava o tempo da colheita do buriti, a *kaj* (cesta) era sempre usada tradicionalmente pelas mulheres transportarem buriti até a aldeia.

Uma vez, várias mulheres fizeram questão de buscar buriti no mato. A mulher que chega primeiro com seu *kaj mā pô* na aldeia, será considerada uma mulher vencedora, que sua cesta será entregue no pátio para os mais velhos comerem. Na nossa cultura, a busca de buriti no mato, de forma tradicional, sempre acontece todo ano na aldeia, conforme os ancestrais deixaram. Fazer essa busca no mato tradicional é muito importante para os jovens saberem que não podem comer antes e nem pegar nas frutas, que precisam passar por uma cerimônia de busca como buriti, milho verde e batata. Todas as pessoas que são importantes na aldeia, como por exemplo, o *increr catê* (cantor), *me hōpahhi* (chefe cerimonial), *ihcujxwý/wýhtý* (rainha) e *mamkjêhti* (o que vem na frente do pelotão dos reclusos), não podem comer antes da cerimônia, se não, leva picada de maribondo, como os velhos falam. Depois que fizer isso, todos podem comer sem nenhum problema.

Aproveitando o olhar do dia a dia na aldeia, pensando nas histórias que ecoam sobre as peças que estudei, sempre falo e confirmo que não é somente nos rituais de reclusos que a *kaj* está presente, pois ela está presente também em outros momentos. O *kajre* (cestinha) sempre está presente também nos três momentos de *amxo jaher* (caçadas de preá), onde é considerado como um presente. Atualmente, são colocados objetos de comércio, como biscoitos, na *kajre*, entregues para as pessoas escolhidas pelo conselho dos anciões (*prokan*), geralmente, quem recebe são mulheres jovens. Quando está tudo pronto, o chamador (*hàpôr cate*) chama formalmente a pessoa escolhida, que vai então ao pátio confirmar o recebimento.

### ***Hácjarati me Kruwaxwa* (cocar cerimonial e borduna)**

Desde minha infância, sempre acompanhei todas as preocupações e as riquezas que o povo *Memōrtumre-Kanela* tem sobre os objetos de grande valor como *hácjarati*, *kruwaxwa* e outros. Esses objetos são considerados como presentes em *amji kin* (festas) de *ketuwaje*, *ikrere* e *pepcahàc*.

*Hácjarati* e *kruwaxwa* são os que mais aparecem nas *amji kin* em que as pessoas ganham presentes da aldeia, através da visão dos *prohkam* e ao mesmo tempo de acordo com as características que a pessoa tem como ganhador. Sendo um *hácjarati* e *kruwaxwa* juntos feita com pena de arara no *amji kin* de *ketuwaje*, dois *kruwaxwa* diferentes no *amji*

*kin* de *ikrere* e um *kruwaxwa* no *amjin* de *pepcahác*. Para aprofundar mais o conhecimento sobre a importância que os objetos têm em festas, a maneira como são entregues no pátio pelo conselho de anciões (*prohkam*), para pessoa escolhida no *amji kin*, resolvi, então, buscar uma história longa e muito conhecida pelos historiadores da aldeia no dia de hoje. A história que vemos na frente fala de dois grandes homens que se tornaram guerreiros através de suas lutas desde infância, até a fase adulto quando um deles se tornou grande herói em certo momento pela visão dos mais velhos da aldeia e pela aldeia.

Como história é muito longa, eu separei somente a parte importante que fala do momento da entrega de *hácjarati* e do porquê ganhou. Pois, a história é feita em forma de resumo sobre o guerreiro *Krýt* (peixe traíra) e *Wajatom* (dentes melados).

*“O kryt e wajatom eram os dois irmãos, que desde infância moravam com sua mãe e sua única irmã numa casa. Todos os dias, eles iam buscar água no rio para crescerem mais rápido, sempre ajudava família no sustento de casa, eles faziam tudo e sempre cumpriam tudo do jeito Canela. Kryt e Wajatom eram pessoas grandes e fortes, os dois sempre andavam juntos até que um dia venceram grande conflitos. Como na época deles haviam muitos conflitos entre os povos, pois eles enfrentavam todos os perigos, sempre lutavam muitos e sempre venciam todos conflitos que aconteciam na época para defender seu povo dentro do território. Krýt e seu irmão Wajatom, sempre tiveram interesse e oportunidade de aproveitar todos os saberes que seu tio materno tinha ensinado para eles durante os momentos que passaram juntos. O tio dos meninos era também um grande guerreiro e lutador no tempo que era novo. Devido ensinamento que tio materno passou, eles se tornaram grande lutadores da aldeia.*

*Um dia, Kryt teve uma grande oportunidade de se tornar grande herói do povo, seu nome foi aprovado com unanimidade no processo de escolha dentro do conselho dos anciões (prohkam), ele acabou ganhando um grande prêmio histórico: o Hácjarati (grande cocar cerimonial com rabo de arara) numa final da festa de iniciação de ketuwaje, na qual foi fabricado o hácjarati pelo seu tio materno que deu o nome. No momento que foi entregue todos os pánjapy (rabo de arara) dos reclusos para tio materno de kryt, o tio materno levou pánjapy para sua casa, onde iria desmontar todos os pánjapy dos reclusos e fazer outro cocar grande chamado Hácjarati (cocar cerimonial) e Kruwaxwa (borduna). Alguns dias depois, o cocar foi feito pelo seu tio que deu nome para Krýt, o tio levou Hácjarati pronto junto com Kruwaxwa até os prohkam no pátio,*

*onde foi divulgado para toda aldeia saberem. Após entrega para o Krýt, que no mesmo dia e durante a noite, Krýt passou a noite toda carregando seus presentes Hácjarati e Kruwaxwa. Depois de toda movimentação, ou seja, cantoria do pátio, Krýt saiu cantando a cantoria individual da madrugada, até que chegou uma certa hora. Por volta das 02:00 da manhã, Krýt começou cantar a música que puxa cantoria com maracá onde as mulheres em fileiras ficam cantando e os homens dançando até amanhecer. Quando amanheceu, Krýt levou seus presentes hácjarati e kruwaxwa para uma casa onde iria correr na frente dos seus amigos que vão jogar flechas com ponta não afiadas contra o guerreiro Krýt. Os grupos dos dois lados Kýjcatejê. e harãhcateje jogaram flechas contra o Krýt conforme regra e as norma da festa.*

*Mas Krýt não gostou de ter visto as flechas que seus amigos jogaram de pontas não afiadas contra ele, pois queria que seus amigos do pátio jogassem flechas com ponta bem afiadas que furam e matam. Segundo ele, “quando acontece um conflito na aldeia os inimigos não jogam flechas de brinquedos contra mim, pois preciso que jogam flechas de verdade contra mim pra ver se consigo enfrentar grandes conflitos”. Ai os prohkam não quiseram que o Krýt voltasse para ser atacado novamente com flechas de pontas afiadas com medo de acidente que pode ocorrer.*

*Depois de toda cerimônia de entrega, Krýt sempre participava de toda cantoria no pátio, onde carregava seus presentes para dançar juntos na frente de todas as mulheres que participavam das cantorias do pátio. Krýt sempre retirava os enfeites que cobriam os corpos das mulheres durante cantoria increr cati (grande cantoria da tarde) colocava na boca e saía dançando juntos com seus amigos na frente das mulheres. Quando houve grande cantoria no pátio increr cati (grande catoria), pois Krýt sempre fazia essa retirada dos enfeites corporais das mulheres. Pois era único que podia fazer aquilo em todas as cantorias que acontece no pátio. Krýt era valente e muito corajoso, o mais conhecido na época pelos seus amigos da aldeia e também pelos outros povos vizinhos...”*

Buscando a história do Krýt e colocando na atualidade, nós Canela ainda fazemos e realizamos todos os momentos de forma tradicional como nossos ancestrais deixaram, tudo ainda está sendo feito até agora, conforme fala o resumo da história do Krýt. O momento de escolha e o momento de entrega para pessoa foram os que mais me chamaram atenção em termos de comparação. O guerreiro Krýt ganhou cocar porque ele era único que podia ganhar na visão dos prohkam (conselho de anciões).

Atualmente, o processo de escolha no pátio pelos *prohkam* (lideranças) mudou um pouco da política tradicional cotidiana, mas, a confecção é sempre a mesma dos ancestrais de muitos e muitos anos atrás, não mudou totalmente nada, a pessoa escolhida é chamada no pátio pelo *hápôrcate* (narrador cerimonial) para confirmação da entrega de *Hácjarati*. Após a entrega de *pánjapy* para pessoa escolhida, o tio materno - aquele que dá nome para pessoa, leva *pánjapy* para casa e faz o mesmo procedimento na fabricação de *Hácjarati*, como fez o tio do guerreiro *Krýt* na época. E pelo que acompanhei nos últimos *amji kin* de iniciação *Ketuwaje*, a escolha de pessoa para ganhar *Hácjarati* sempre durou horas pra ser confirmada, por causa das discursões de sim ou não pelos tios maternos que querem escolher seu próprio sobrinho ou filho para ganhar, desvalorizando as regras e as normas que existem no *amji kin de ketuwaje ou ikrere* que nossos ancestrais deixaram. Na nossa cultura Canela, não é certo escolher o próprio parente para ter um desses prêmios. Na verdade, nos tempos de nossos ancestrais a escolha da pessoa sempre acontecia de forma independente e pela visão dos *prohkam* (conselho de anciões).

O *Hácjarati* e o *Kruwaxwa* na verdade são considerados como filhos da gente que tem nome, que participa de todas as atividades culturais através da existência do dono dentro de *amji kin*. Hoje em dia, e no meu ponto de vista, quem poderá ganhar algumas dessas peças de grande valor, são as pessoas que tem boa condição como cantor, corredor e lutador pelo direito ou a pessoa que, na minha opinião, seria alguém sábio e formado no mundo dos brancos que sempre representa o povo em lugares diferentes, mostrando quem são os Canela, pois essa pessoa merece ter *Hácjarati* para andar juntos como companhia e participar da cultura tradicional do povo Canela. Uma coisa muito interessante a ser pensada é que pessoas universitárias ou pessoas formadas na universidade podem ganhar também, sem nenhum problema. Sabendo que hoje em dia é muito difícil e diferente reivindicar o direito pelo nosso território, através das medidas do governo que sempre coloca os indígenas em situação desagradável, o papel dessas pessoas universitárias é importante.

**Figura 40.** Pánjapy dos reclusos.



Foto: Imagem cedida por Fonte: Pr. Bernardo Grupp Cothy

**Figura 41.** Pánjapy sendo levado para desmontar.



Foto: Oziel Canela, 2019.

**Figura 42.** Gersimar Canela com Hácjarati (in memorian).



Foto: Imagem cedida pelo Pr. Bernardo Grupp Cothy

**Figura 43.** Renato Canela com kruwaxwa de caxát (crochê).



Foto: Oziel Canela, 2019.

Antigamente, como não existiam as leis do *cupê*, tudo era diferente. Nesse caso, o nosso ancestrais sempre se vingavam muito e o *Krýt* quando defendia e lutava pelo seu território contra seu inimigo, ele sempre ia enfeitado com *Hácjarati* como se estivesse carregando seu filho nas costas e com a borduna, que era única arma que carregava consigo. Hoje em dia a nossa arma para lutar pelos nossos direitos é a caneta ou diploma na mão. Estando com caneta e diploma na mão como se eu estivesse com borduna e

*Hácjarati* para guerrear em grande conflito. Pensando nisso, sugiro que a comunidade, ou seja, as lideranças da aldeia precisam pensar mais sobre isso e fazer as escolhas certas, buscar uma pessoa certa como *Krýt* por exemplo que pode ganhar um desse prêmio. Escolhendo ou entregando *Hácjarati* ou *kruwaxwa* para pessoa como universitário é uma boa opção da comunidade no dia de hoje, essa pessoa vai estar sempre levando e trazendo todos direitos e conhecimentos de fora através de suas reivindicações para aldeia Escalvado do povo *Memörtumre-Kanela*.

Nós, Canela, de modo geral, na maioria das vezes, enfrentamos grande procura em relação a busca de matéria prima para as peças ficarem prontas. Na penúltima *amji kin* de *ketuwajê* que foi realizado aqui na aldeia, a procura pelo rabo de arara foi a mais difícil que já vi na minha vida, quase toda aldeia ficou procurando de um lado e do outro e quase ninguém acha para comprar ou trocar. Quando alguém tem em casa, o dono pode vender pelo valor mais caro que puder.

Aproveitando agora escrevo sobre *kruwxwa* no período de *Ketuwaje*.

#### *Kruwxwa no período de ketuwje*

A cerimônia de *Hácjarati* sempre acontece nos dois períodos da fase de iniciação *ketuwaje*. No ritual de *ketuwaje*, os reclusos usam *pánjapy* na cabeça durante realização de danças no pátio. O *Hácjarati* são feitas com rabos de arara, que são desmontados logo após o uso como *pánjapy* pelos reclusos. O *Kruwaxwa* no período de *ketuwaje* não é presente dada pelos *prohkam* do pátio, e sim, uma peça que pode ser um detalhe feita com as penas de arara que restou na fabricação do *Hájarati*. O tio materno prepara junto com *hácjarati* e por isso que essa peça não é presente no período de *ketuwaje*. Mas é apenas companheiro do *Hácjarati* em todos os momentos de realização de cantoria individual no *krincape* (caminho da aldeia). Todas as peças de grande valor sempre passam pelo momento de nomeação no pátio, onde se torna batizado como se fosse filho próprio do dono que ganhou. Recebe nome de gente dada pelas irmãs ou a prima do ganhador numa corrida de *pàr* (tora cerimonial de madeira). A corrida de *pàr* é um momento de cerimônia muito existente, sempre realizada fortemente na aldeia com a ligação de nomear pessoas e peças de rituais como *Hácjarati*, *Kruwxwa* e outras peças de presentes que representa a cultura e o povo Canela.

**Figura 44.** Um dos ancestrais enfeitados com Hácjarati e Kruwaxwa.



Foto: Imagem cedida pelo Pr. Bernardo Grupp Cothy (década de 1970)

Outra parte mais importante a ser colocada aqui, é *hokrôxá* (enfeite corporal com tecido), como tem na maioria das festas. A família de cada reclusos compra tecido (pano) com antecedência para o dia que se realiza a entrega geral dos *pánjapy*. Os panos são colocados na cabeças dos jovens reclusos em forma de coroa, onde os panos serão retirados da cabeças dos jovens pela família materna da pessoa que ganhou, são muitos panos. O tio retira ou junta os *pánjapy*, enquanto as irmãs, primas ou pessoas da família se organizam para retirada dos panos. Os panos que acompanham *Hácjarati*, sempre são distribuídos entre pessoas do núcleo familiar dentro de casa. Falando em tecido, acho que no tempo de Nimuendajú quando estava na aldeia, não tinha tecidos acompanhando *Hácjarati* era somente *pánjapy* e mais nada, tudo era natural e tradicional. Hoje em dia quando alguém tem pena de arara em casa, o dono precisa vender por valor mais caro que puder sabendo da dificuldade de falta que tem na aldeia. Na maioria das vezes as pessoas sempre andam procurando por aquilo que tem de importância e necessário para as festas realizadas, tanto nas despesas da família como na preparação da família numa festa.

*Os dois Kruwaxwa no período de ikrere*

No ritual de *ikrere*, tem dois tipos diferente de *kruwaxwa*, sendo uma feita com rabo de arara e outra com linha de *caxât krã* (crochê). Os dois *kruwaxwa* são feitos pelo tio materno de *mamkjêhti* (o que vem na frente do pelotão dos reclusos) conforme ensinamento dos nossos ancestrais. O tio materno de *mamkjehti* sempre prepara tudo no período de *ikrere* como na fabricação de dois *kruwaxwa*. O *kruwaxwa* é um presente dado pelos *prohkam* para uma pessoa escolhida da aldeia no final da festa de *ikrere*. Durante toda minha trajetória de reclusão no período de *ikrere*, acompanhei os momentos e as formas que os dois *kruwaxwa* foram entregues para pessoas escolhidas pelos *prohkam* no pátio da aldeia.

Geralmente, o *kruwaxwa* de algodão é feito pelo tio durante o período que os jovens entram na casinha, onde ficaram de resguardo sem banhar, sem comer carne e sempre cumprindo todas as regras do *ikrere* até que chega o momento *háhkrêr*. Enquanto os reclusos ficam presos dentro de casa esperando dia de *háhkrêr*, o tio materno fica preparando primeiramente o *kruwaxwa de caxât* (crochê), que precisa estar pronto para ser entregue no momento de *hahkrer*. A penúltima festa de *ikrere* que aconteceu, onde acompanhei observando o trabalho feito nas fabricações de dois *kruwaxwa* pelo senhor Raimundinho Ihho Canela como tio materno que deu nome para *mamkjehti*. A matéria prima usada pelo Raimundinho na fabricação do primeiro *kruwaxwa* foi linha de crochê branco, madeira de pau roxo, umas cinco unhas de veado e umas folhas verde para lixar e fazer acabamento geral. Quando o material estiver pronto precisa ser entregue para mãe do *mamkjehti* e ela vai entregar para uma pessoa como *ex-mamkjehti* no momento que acontece cerimonia de *háhkrer*. O *ex mamkjehti* pega *kruwaxwa* na casa do atual *mamkjehti* da festa e sai andando puxando, formando filas de reclusos e retirando com as pontas do *kruwaxwa* tudo aquilo que aparece na sua frente. Na cerimônia de *háhkrere*, a função do *kruwaxwa* de crochê serve para retirar os perigos que aparece no chão durante a caminhada dos reclusos para local de *háhkrer* que seria na casa de um dos *mamkjehti*. Ao chegar no local do *háhkrer*, o *kruwaxwa* de algodão é colocado em pé no chão pelo *ex mamkjehti*, usando as seguintes frases de forma respeitosa “para cima, para cima, meus caros olham para cima. Se olhar para traz, irá ver os perigos que pode aparecer” usou essa frase e deixou *kruwaxwa*. Logo em seguida, o atual *mamkjehti* se levanta pega no *kruwaxwa* e fala mesma frase que *ex mamkjehti* usou e os demais reclusos farão a continuidade com o mesmo procedimento. Quando termina a cerimônia de *háhkrer* por volta das 19:00hs, o *kruwaxwa* é entregue para conselho de anciões *prohkam*, que na tarde

do outro dia entregará para uma pessoa escolhida como alguém que canta sempre durante dia e noite. Muitas vezes, as pessoas não querem ganhar *kruwaxwa* de crochê como presente pela falta de ter outros objetos acompanhando, como tecidos e outros.

**Figura 45.** Jovens reclusos com cohpip (esteira) festa de ikrere.



Foto: Elker, 2008.

**Figura 46.** Jovens reclusos no momento de hahkrêr na festa de ikrere.



Foto: Elker, 2008

Na verdade, a cerimônia de *hâhkrer* se realiza com 2 ou 3 meses desde o início da festa, com duração de um dia. Enquanto os reclusos ficam guardados na sua casinha esperando a final da festa, a pessoa que ganhou o primeiro *kruwaxwa* precisa usar sempre, em toda vez que estiver cantando no caminho da aldeia. Pois *kruwaxwa* precisa se movimentar pelo dono durante o período de festa, não necessariamente todo dia, mas quando for preciso. Isso quer dizer que os jovens reclusos não podem ficar sem proteção, precisam ficar protegidos com barulhos das cantorias que protegem todos os jovens dos perigos que se aproximam, como os espíritos e doenças. Portanto, o *kruwaxwa* de crochê é o primeiro trabalho feito pelo tio materno de *mamkjehti* no primeiro período de *ikrere*.

**Figura 47.** Os dois mamkjehti Robson Canela e Josenaldo Canela sendo levados com os pánjapy até o pátio.



Foto: Oziel Canela, 2017.

O *kruwaxwa* com pena de arara é feita com os *pánjapy* dos dois *mamkjehti*. Primeiro, os tios maternos dos *mamkjehti* preparam os *pánjapy* para os sobrinhos usarem no dia da entrega no pátio. O *pánjapy* dos *mamkjehti* no período de festa de *ikrere*, não é bem diferente dos outros *pánjapy*, que no *ketuwaje* todos os reclusos usam *pánjapy* incluindo *mamakjehti* que tem 2 pares de penas de arara. No ritual de *ikrere* somente *mamkjehti* usam *pánjapy*, sendo 4 penas em cada *pánjapy*. Esse *pánjapy* é colocado na cabeça dos *mamkjehti* pelo tio no local que acontece corrida de tora “*pàràre*”, após a corrida de *pàràre*, os *mamkjehti* e os seus enfeites como *pánajapy* e tecidos são levados até o pátio onde será entregue para pessoa que ganhou. No momento que são entregues os *pánjapy*, os tecidos (panos)acompanham como vemos na imagem. A família do ganhador retira todos os tecidos para distribuir em casa entre família. O tio materno do ganhador leva os *panjapy* para desmontar e fazer *kruwaxwa* em casa. O material usado na fabricação de *kruwaxwa* é madeira de pau roxo, rabo de arara linhas de algodão para fazer acabamento geral. *Kruwaxwa* no *ikrere*, é uma peça de grande valor que muitas pessoas querem ganhar.

**Figura 48.** Hugo Powej Canela com kruwaxwa.



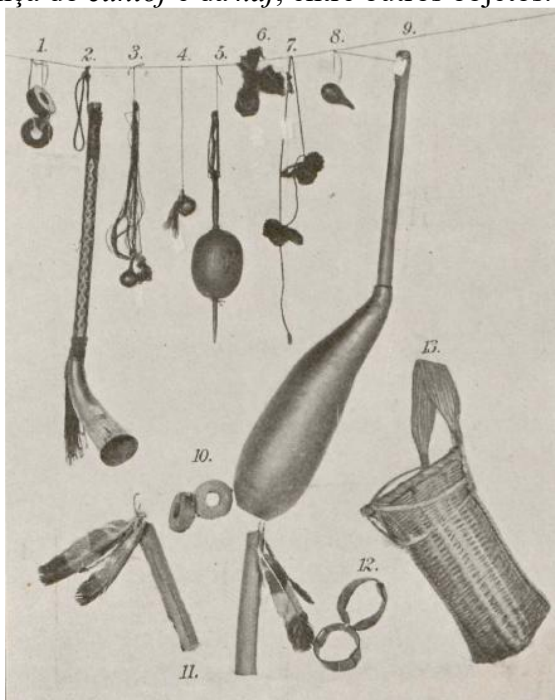
Foto: Oziel Canela, 2018.

Aproveitando aqui, falo que no momento da corrida com páráre, os homens que carregam os dois *mamkjehti* são aqueles que já tiveram relação sexual com as irmãs ou primas dos *mamkjehti* ao longo da festa ou antes. Os devedores têm obrigação de levar os *mamkjehti* no ombro, outro segurando no braço até o local de entrega que será no pátio, que na regra os dois *mamkjehti* não pode andar pisando no chão, por isso que as irmãs, primas ou alguém da família se entregaram para uma pessoa usar. Na maioria das vezes, muitos acabam se separando da esposa ou do esposo por causa do ciúme que sentiu no momento da cerimônia, aspecto que poderei detalhar futuramente.

### CAPÍTULO 3. OBJETOS CANELA NO MUNDO DOS CUPÊ.

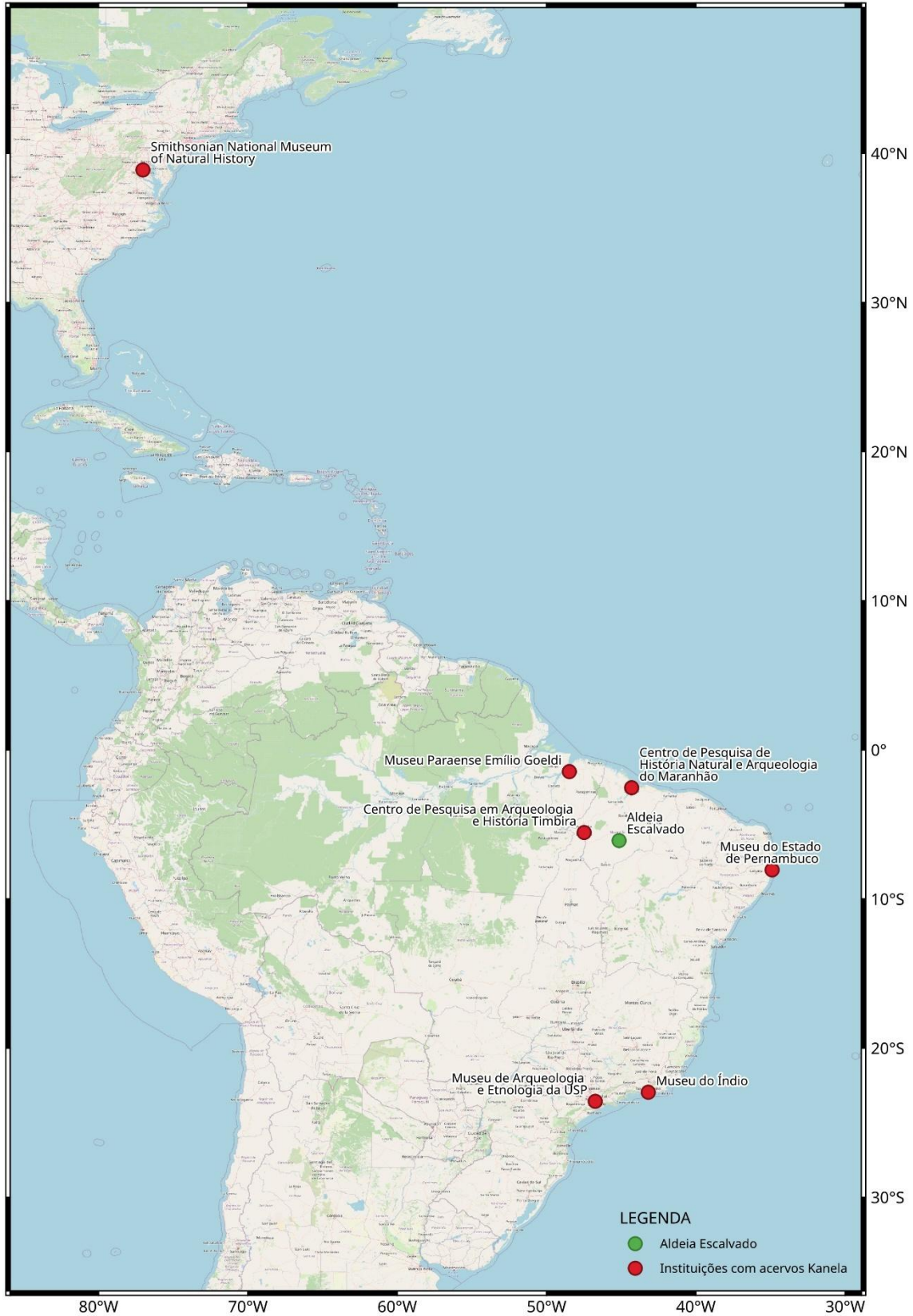
Nesse capítulo falo de objetos *Memörtumre-Kanela* em museus e outras instituições culturais. São indicadas, na Figura 50, algumas instituições, no Brasil e exterior, onde já foram identificados objetos Canela que são considerados como objetos rituais, a saber: o *Smithsonian National Museum of Natural History* (EUA), onde estão localizados objetos coletados por William Crocker; o Museu do Estado de Pernambuco, onde está localizada a coleção Carlos Estevão de Oliveira, onde existem peças coletadas por Nimuendajú junto ao povo Canela e apresentadas à Carlos Estevão; o Museu Paraense Emílio Goeldi; o Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão e o Centro de Pesquisa em Arqueologia e História Timbira, instituições localizadas no estado do Maranhão; o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, em São Paulo, e, por fim, o Museu do Índio, no Rio de Janeiro. Sabemos que existem objetos Canela em outras instituições, como, por exemplo, na Alemanha, assim, pretendo ampliar o levantamento em outro momento. Um exemplo da existência de objetos do meu povo em diversos lugares do mundo dos *cupê* (brancos), desde pelo menos o início do século XX é a figura abaixo, que mostra objetos publicados em artigo do alemão Wilhelm Kissenberth, em 1911.

**Figura 49.** Objetos registrados por Wilhelm Kissenberth (1911). Observamos a presença do *cuhtōj* e da *kaj*, entre outros objetos.



Fonte: Kissenberth (1911)

**Figura 50.** Instituições museológicas com coleções Canela.



Fonte: Cartografia organizada por Michiel Wichers.

Apresento, a seguir, uma reflexão sobre a forma como esses objetos são apresentados em alguns desses locais. Além disso, pretendo contribuir com meu povo ao mostrar que temos importantes objetos Canela espalhados pelo mundo dos *cupê*.

### ***Cuhtōj Cupê Jō Pjê Kam (cuhtōj no mundo dos brancos)***

Sempre olhei, por meio de toda observação feita por mim, durante a pesquisa sobre o *cuhtōj*, e senti falta dos velhos e antigos *cuhtōj* de muitos anos atrás em todos os *amji kin*. Pensei nos objetos e nas imagens que estão espalhados no mundo que, na maioria das vezes, são imagens feitas pelos antigos pesquisadores, antropólogos, etnólogos, indigenistas e outros que conseguiram deixar suas contribuições em conhecimentos no mundo da pesquisa, em diferentes lugares de estados e países. Esses lugares são arquivos, museus, centros culturais e históricos. Alguns lugares em diversos estados brasileiros possuem objetos rituais guardados, que precisam de visitas do povo Canela, como em São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Maranhão, além de alguns países no exterior como nos Estados Unidos.

**Figura 51.** *Cuhtōj* no Museu do Índio (Nº do Item 87.30.184).



Foto: Tainacan, Museu do Índio, 2021.

A foto de *cuhtōj* apresentada acima (Figura 51) é do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, consultada na plataforma Tainacan. A imagem me fez sentir uma dúvida simples, quando comparei as formas de pinturas que são utilizadas em dois tempos diferentes *mam cuhtōj tum ne curmā cultōj tuw* (*cuhtōj* do momento antigo e *cuhtōj* do momento atual).

Hoje em dia, sempre vejo todos os cantores com seu *cuhtōj* pintados com vermelho de urucum e alguns não. Já na imagem do museu usada aqui, de um maracá dos anos 1980, a pintura é bem diferente (Figura 51). Outro ponto que achei interessante

mostrar aqui, é que no museu, como um ambiente que tem objetos cerimoniais, sempre faltam pessoas que possam ajudar na explicação dos objetos. Esse objeto aparece como “Instrumento sonoro e de sinalização”, mas é mais que isso. Como em alguns objetos nas imagens, faltar dizer de quem são esses objetos que estão guardados há muito tempo no museu. Se os nomes dos donos fossem identificados no museu, ficaria mais fácil de encontrar os donos a quem pertenciam. Não é somente no mundo dos brancos que existem cantores famosos, os povos indígenas também têm pessoas famosas. O povo indígena, como no meu povo Canela, perdeu muitos cantores famosos e a gente não sabe onde podemos encontrar os instrumentos que usavam em suas cantorias. Talvez, alguns dos objetos que vemos nos museus, o dono pode ser talvez um desses cantores que o povo Canela perdeu há alguns anos, acho errado o museu não colocar os nomes dos donos na descrição dos objetos.

**Figura 52.** Cuhtōj no Museu do Índio, produzido na década de 1950 (Nº do Item 1411).



Foto: Tainacan, Museu do Índio, 2021.

O *cuhtōj* e outros objetos rituais que estão nos museus precisam ser reconhecidos pelos parentes dos donos que usavam e devem receber as visitas cerimoniais com o choro sagrado da despedida. Essas visitas cerimoniais nos museus não estão acontecendo pelos parentes dos falecidos que são donos dos objetos, também devido à falta do nome do dono em cada objeto. Como os velhos falam: os objetos que estão presos nos museus, precisam de visitas dos parentes da aldeia de sua origem. Mas como os donos ou parentes dos donos podem achar os objetos se não tem nome identificando?

Os parentes dos falecidos aqui na aldeia sempre se emocionam quando veem alguns objetos após o falecimento. Geralmente, esse momento de choro aparece quando alguém vê alguma coisa, principalmente nos museus, que relembra as convivências

juntos, quando eram vivos andando com suas famílias. Então, os objetos que estão guardados nos museus, nos acervos e em outros ambientes, eles são como se fossem nossos irmãos de família, que deixou ou foi embora e nunca e terá seu retorno. Por isso que os velhos falam que quando esses objetos recebem uma visita da família do dono dentro do museu, eles choram ou se alegram fazendo algum sinal de barulho que ninguém vê. Mesmo não vendo e nem sentindo o barulho, sabemos que as pessoas ao redor aquilo devem acreditar, que talvez possa ser o espírito do dono que acompanha no momento da visita.

Quando eu olho para os *cuhtõj* que estão nas fotos registradas nos museus parados, eu falo o seguinte como pesquisador: esses *cuhtõj* são como se fossem abandonados pelas famílias de origem, que nunca retornam para sua família de onde saiu. O povo Canela, principalmente as mulheres mais velhas, sempre carregam essas memórias de despedidas cerimoniais e de resistência, quando chegam no lugar que tem algo presente, como as fotos ou objetos de cerimônias nos museus ou em outros lugares.

**Figura 53.** Cuhtõj quebrado no Museu do Índio, também produzido na década de 1950 (Nº do Item 3297).



Foto: Tainacan, Museu do Índio, 2021.

O *cuhtõj* quebrado na imagem acima, assim como os outros, pelo meu olhar, já possuem um bom tempo de convivência desde que foram fabricados na época, até hoje nos lugares que circulam.

**Figura 54.** Cuhtõj de cabaça no Museu do Índio, também produzido na década de 1950 (Nº do Item 3304).



Foto: Tainacan, Museu do Índio, 2021.

O *cuhtõj* de cabaça na imagem acima é um objeto menor, mesmo diferente em tamanho, ela é chamada de *cuhtõj* também. Na atualidade este *cuhtõjre* (maracazinho) sempre é fabricado pelos pais ou alguém da família para venda ou para aprender cantar desde cedo usando este *cuhtõj* de cabaça. Outra função deste *cuhtõj* é quando alguma criança pequena chora, o pai ou alguém da família da criança usa este *cuhtõjre* balançado perto do ouvido, então, a criança quando escuta o som no balanço do maracá, ela para de chorar. Então, nesse ponto este maracá menor é usado desta maneira. No meu ponto de vista, na atualidade, os objetos Canela no mundo dos brancos sempre representam o povo a qual pertencem. Muitas pessoas fabricam peças como *cuhtõjre* para vender nas cidades. Alguns textos falam que cada peça encontrada nos museus, representa o nosso respeito junto com a nossa identidade cultural.

***Kaj no mundo dos cupẽ***

**Figura 55.** Kaj no Museu do Índio, produzido na década de 1950 (Nº do Item 3633).



Foto: Tainacan, Museu do Índio, 2021.

Como muitos outros objetos espalhados por aí nos museus, como no Museu do Índio, que tem muitos objetos Canela, alguns objetos tem uma boa descrição junto com imagem, com o seu significado, mostrando a importância e a origem de onde veio parar e outros não, tem somente uma descrição superficial. O *kaj* aqui na imagem é muito parecido com os *kaj* na atualidade, que utilizamos hoje em dia aqui na aldeia. Comparei e uma diferença é que não vejo nenhuma peça que foi comprada na cidade para fabricação desse *kajre* (como, por exemplo, a miçanga e a linha de algodão industrializada) e sim, somente matéria prima da natureza. Lembrando que na imagem desse *kajre*, tudo é feito com material de buriti.

### **Volta virtual no *Smithsonian Institution***

Durante a procura sobre os objetos nos museus, consegui dar uma volta virtual no acervo do *Smithsonian Institution* – Museu Nacional de História Natural, nos Estados Unidos. Lá tem mais ou menos 888 objetos Canela que foram coletados pelo antropólogo norte americano William Crocker desde a sua primeira e última visita na aldeia Canela. Então, ele levou muitos objetos rituais e eu até fiz questão de trazer aqui na dissertação algumas imagens de objetos que estou trabalhando. Só que não consegui encontrar todos os objetos que estou trabalhando e que preciso mostrar para fazer comparação com os

utilizados hoje. Para não passar em branco, resolvi mostrar essa imagem de um *cuhtōj* que tem alguns detalhes diferentes, que podem indicar ser um objeto produzido para a venda.

**Figura 56.** *Cuhtōj* no *Smithsonian Institution* (Nº de Catálogo E421651-0).



Foto: *Smithsonian Institution*, 2021.

Segundo meu sogro João Luciano<sup>2</sup>, com quem venho trabalhando, ele fala que este *cuhtōj* na imagem não é aquele *cuhtōj* que são usados na cerimônia de *increr*. O *cuhtōj* da imagem é feito com *cuhkon* (cabaça) com alguns detalhes feitos com imbirá de buriti para fazer acabamento e os seis furos do lado do *cuhtōj* são os mesmos furos que vemos no *cuhtōj* original para sair os sons. Minha sogra viu a imagem de *cuhtōj* e ela fala que pode ser do meu sogro, pois ele gostava muito de fazer e vender esse tipo de *cuhtōj* de cabaça (*cuhkon*).

Antigamente, sempre era feito esse tipo de *cuhtōjre* (maracazinho) pelo tio materno que deu nome para sobrinho aprender cantar com maracá. Então, a imagem de *cuhtōj* me fez lembrar que tudo começa ali desde cedo, com maracá e com a família.

---

<sup>2</sup> O senhor João Luciano é casado com a irmã da minha sogra.

**Figura 57.** Cuhkonre (cabacinha).



Foto: Oziel Canela, 2021.

Em outra volta virtual pela procura de objetos, encontrei a imagem de uma máscara (*côhkrit hô*). A máscara há muitos anos não é mais realizada pelo meu povo, isso quer dizer que já está na beira de extinção, que pode não ter mais continuidade de ser realizada pelo meu povo. Esta máscara é conhecida como *tohcajwêw* por causa da pintura nos olhos. As máscaras no ritual são iguais, o que diferencia de uma para outra é as pinturas nos olhos, que especifica a origem e o nome que pode ser chamada pelas pessoas. Minha sogra fala que são seis tipos de máscaras durante *amji kin*. São eles: *tohcajwêw*, *esporo*, *kenpej cati*, *kenpej cahàc*, *hôhkenre* e *hàka tohhôc*. Então, estas são as máscaras do povo Canela que estão quase extintas com seu ritual.

**Figura 58.** Côhkrit hô no Smithsonian Institution (Nº de Catálogo E404909-0).



Foto: *Smithsonian Institution*, 2021.

Essa máscara, que está guardada no museu, é uma máscara grande que consideramos como máscara de verdade que foi parar lá. Muitos parentes viram essa imagem de máscara e falaram que talvez no ano de 2022 possam realizar o *amji kin* das máscaras, aproveitando seu Francisquinho Tephot, que ainda está entre nós, para fazer alguns detalhes de cantos na realização. Muitos fabricantes ainda se encontram na aldeia para fazer as trançadas de máscara, caso sejam produzidas novamente após muitos anos. Nesse sentido, as imagens dos objetos nos museus podem ajudar nessa produção. Todos os objetos que estão longe, no meu ponto de vista precisam ser lembrados como sempre.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Concluindo aqui minha trajetória como pesquisador, sempre andei preocupado, pensando e, ao mesmo tempo, ouvindo as pessoas que eu não iria terminar meu mestrado, porque sempre aparecia algum problema durante o trabalho de campo. Mas, eu sempre confiava em mim e em Deus (*Pahpãm*) acreditava nas pessoas que empurravam minha vontade para que eu terminasse. Quando perdi uma pessoa querida da minha família, ficou mais difícil ainda, devido ao falecimento do meu sogro.

Meu sogro era tudo pra mim, durante a pesquisa de campo, ele sempre dividia seus conhecimentos e saberes tradicionais de contar histórias, do tempo em que era Cacique da aldeia, e eu sempre aproveitei o tempo junto com ele para escrever e aprender algumas histórias contadas, além das histórias que ouvi da minha avó e algumas pessoas da aldeia. E através dessas pessoas, consegui continuar pesquisando sobre as riquezas que meu povo têm no dia de hoje.

Ao longo da pesquisa, percebi então que eu, nós indígenas, temos capacidade de aprender sobre nossa história e essa história tem que ser estudada ou ensinada pelos próprios indígenas, como eu estudei algumas peças ou objetos rituais do meu povo. Durante a leitura da dissertação da colega mestra Creuza Krahô, ela fala de forma bem esclarecida o seguinte:

*Os jovens precisam se movimentar, pois, os conhecimentos são repassados às gerações a partir da participação e interesse intergeracional. Isso significa que vivenciar o modo de vida Krahô é o que faz o indivíduo ter técnica de vida libertadora em um espaço na comunidade. Por isso, é importante trabalhar o registro e a valorização desses conhecimentos para se formar ou transformar para o futuro. Por isso, este trabalho pretende aprender, registrar e divulgar esses saberes no ambiente da escola (PRUMKWYJ KRAHÔ, 2017, p. 13).*

Sempre fui pensando e acompanhando as informações coletadas para dar continuidade no trabalho, apesar de tanta dificuldade enfrentada, pois sempre tive a oportunidade de fazer e aproveitar aquilo que era possível para montar minha dissertação. Os dias foram passando e a preocupação sempre apareceu, cada vez mais apertado, de pouco a pouco, o pensamento de talvez não concluir.

Os jovens Canela de modo geral, precisam somente pensar no futuro, trazendo conhecimentos melhores que valorizem nossas resistências culturais, fortalecendo cada vez mais as tradições, os costumes, as danças e outras atividades do cotidiano na aldeia.

A resistência cultural do meu povo Canela sempre será estudada e ensinada nas escolas indígenas e através das universidades públicas, onde também temos conhecimentos pelos brancos, como principalmente na área de antropologia.

Hoje alguns jovens Canela estão em universidades públicas como UEMA, UFG e outras instituições federais, enfrentando dificuldades dentro da universidade, como eu enfrentei. Isso me lembra quando estava no campo da faculdade, sempre faltava uma pessoa do meu povo para me ajudar nas leituras e nos textos.

Espero que eu, como primeiro do meu povo a fazer este trabalho de dissertação em antropologia, colabore para construção de saberes tradicionais da minha comunidade e para todos aqueles que sempre tem interesse de ler, procurar e saber da nossa história. Através desses trabalhos alguns jovens irão aprender e saber a importância das histórias do povo Canela, que desde muito tempo precisam ser lembradas e estudadas. Deixo todo meu apoio para todos que aqueles que trocaram diálogo comigo para construção desse trabalho ficar pronto.

Durante a observação na pesquisa, percebi que através do interesse durante a leitura, este trabalho vai servir muito no pensamento das pessoas sobre a situação atual dos objetos encontrados tanto na aldeia, como no mundo dos *cupê*, nos museus, nas cidades. Este trabalho vem com o objetivo de evitar o caminho da extinção que as memórias e as riquezas do meu povo sentem na atualidade.

***HAMRE!***

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ALMEIDA, Mônica Ribeiro Moraes de. *A construção do ser Canela: dinâmicas educacionais na Aldeia Escalvado*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2009.
- BARROS, Nilvânia Mirelly Amorim de. *Os Canela-Ramkokamekrá, sentidos e mediação através das relações com seus objetos*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- BARROS, Nilvânia Mirelly Amorim de. *Tudo isso é bonito! O festival das máscaras Ramkokamekrá: imagem, memória, Curt Nimuendajú*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- BISPO, Arthur Ângelo; NASCIMENTO, André Marques; CANELA, Oziel Irongukre. Diagnostico sociolinguístico das aldeias do povo Canela. In: Andre Marques do Nascimento. NASCIMENTO, André Marques (Org.). *Apontamentos sobre a situação sociolinguística de comunidades indígenas da região Araguaia-Tocantins e Xingu: olhares de docentes indígenas*. Goiânia: Gráfica UFG, 2017, v. 01, p. 15-27.
- COELHO DOS SANTOS, Silvio. *Os povos indígenas e a Constituinte*. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: Ed da UFSC, 1989.
- CROCKER, William H. The Canela (Eastern Timbira), I: An Ethnographic Introduction. *Smithsonian Contributions to Anthropology*, 33, 1990.
- CROCKER, William H.; CROCKER, Jean G. *Os Canelas: parentesco, ritual e sexo em uma tribo da Chapada Maranhense*. Série Monografias. Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI, 2009.
- GRUPIONI, Luís Donizete. Contextualizando o campo da formação de professores indígenas no Brasil. Em: GRUPIONI, L. D.B. (Org). *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias*. Brasília: MEC, 2006, p.44.
- JÔKAHKWYJ KRAHÔ, Leticia: *Um estudo sobre sua cosmogonia por meio dos “mitos” de origem*, 2016.
- KAMER, Julio. *Xahtã mẽ pahte amnhĩ nhĩpêx ho hihtỳx: relações entre queimadas e cantorias no território Apinajé*. TCC apresentado ao NTFSI/UFG, Gráfica 2013.
- KISSENBERTH, Wilhelm. Bei den Canella-Indianern in Zentral-Maranhão. *Baessler-Archiv*, vol. II, n. 1, p. 45-54.
- LADEIRA, Maria Elisa, *Timbira nossas coisas e saberes: Coleção de museu e produção da vida*, São Paulo: CTI-Centro de Trabalho Indigenista, 2012.

- LANDER, Edgardo (org.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO/UNESCO, 2000.
- LUCIANO BANIWA, Gersem José dos Santos. *Educação para manejo do mundo. Entre a escola ideal e a escola real no Alto Rio Negro*. Rio de Janeiro: LACED/CONTRA-Capa, 2014.
- MELATTI, Júlio César. *Ritos de uma tribo Timbira*, São Paulo: Ática, 1978.
- NIMUENDAJÚ, Curt. A corrida de toras dos Timbira. *Mana*, 7(2), p. 151-194, 2001. Série Documenta.
- PRUMKWYJ KRAHÔ, Creuza. *Wato ne hômpu ne kãmpa: Convivo, vejo e ouço a vida Mehi (Mãkrarè)*. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais), Universidade de Brasília, 2017.
- RIZZO, Adalberto. *Messianismo Canela: entre o indigenismo de Estado e as estratégias de desenvolvimento*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2006.
- ROLANDE, Josinelma F.. *Moços Feitos, Moços Bonitos: a ornamentação na prática Canela de construir corpos*. 1. ed. São Leopoldo/RS: Oikos, 2017.